



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

ALAN RICARDO SILVA DOS SANTOS

**ECONOMIA SOLIDÁRIA E EDUCAÇÃO POPULAR: UM DIÁLOGO  
NECESSÁRIO NA COOPERATIVA SONHO DE LIBERDADE**

BRASÍLIA-DF

2015

ALAN RICARDO SILVA DOS SANTOS

**ECONOMIA SOLIDÁRIA E EDUCAÇÃO POPULAR: UM DIÁLOGO NECESSÁRIO  
NA COOPERATIVA SONHO DE LIBERDADE**

Trabalho Final de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da professora Dr<sup>a</sup>. Sônia Marise Salles Carvalho.

BRASÍLIA-DF

2015

ALAN RICARDO SILVA DOS SANTOS

**ECONOMIA SOLIDÁRIA E EDUCAÇÃO POPULAR: UM DIÁLOGO NECESSÁRIO  
NA COOPERATIVA SONHO DE LIBERDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado a Universidade de Brasília  
como requisito parcial para obtenção do  
título de Licenciado em Pedagogia.

Aprovado em: \_\_\_\_\_

---

**Profa. Dr. Sônia Marise Salles Carvalho (orientadora)**  
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

---

**Profa. Dr. Carolina Cassia Batista Santos (Examinadora)**  
Departamento de Serviço Social da Universidade de Brasília

---

**Prof. Dr. Renato Hilário dos Reis (Examinador)**  
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

## DEDICATÓRIA

*Dedico esse trabalho a minha esposa e  
a meus filhos Junior, Thiago e Lara  
Vitória.*

## **AGRADECIMENTOS**

Aos meus pais, que ao longo de minha vida estudantil, me apoiaram nos momentos mais difíceis da minha vida e acreditaram no meu potencial.

A minha amiga e esposa, Bernardina Melquides Roberto dos Santos, que me acompanhou e me apoiou em minha trajetória e se fez presente na minha vida.

Aos excelentes professores da educação infantil que marcaram minha vida, Professora Isis, Professora Nadir e em especial minha professora de Geografia da 5ª série, que não recordo o nome, que percebeu em mim a deficiência na visão e alertou meus pais.

A professora de matemática do primeiro ano do 2º grau, Josefa, que me ajudou e me presenteando com um livro de sua matéria, que guardo até hoje, quando meus recursos eram limitados. Mulher determinada, comprometida com o ensino.

Aos meus professores da UEA e colegas de turma, que iluminaram meu caminho e contribuíram de forma majestosa na minha formação.

Aos meus professores da UERJ e companheiros de turma que complementaram a minha formação e me receberam como se lá fosse minha primeira casa.

Aos meus professores da UnB e seus alunos, que de forma generosa me receberam e me acolheram quando me vi perdido em seus corredores.

A Luciana Brito grande amiga de classe.

Aos professores da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, que me trouxeram momentos valiosos de aprendizagem e amadurecimento, e deram a honra de carregar comigo o título de aluno desta renomada Universidade.

À querida Professora Dra Sônia Marise Salles Carvalho, minha orientadora, agradeço pelos conselhos, pelo rigor, pela dedicação e pela forma majestosa que me conduziu nesses últimos anos.

Aos amigos que estão perto e aos que mesmo longe, me incentivaram e apoiaram a buscar meus objetivos.

Obrigada a todos vocês que sonham comigo.

“É, de início, pelas mãos e pelo coração  
que se forja a autogestão”

Jef Ulburghs

## RESUMO

O presente trabalho trata de refletir sobre a Cooperativa Sonho de Liberdade partindo da concepção que o princípio educativo se faz, e vem pautado na Economia Solidária. Utiliza-se para isso a proposta da Economia Solidária na educação buscado na pedagogia da autogestão e nas aproximações e princípios da Educação Popular, e com os ideais de igualdade e cooperação sustentados pela Economia Solidária. Utilizaram-se métodos e aportes da pesquisa-ação tendo como método de abordagem qualitativa, com coleta de dados pela observação e entrevista individual e análise desses dados. Neste contexto, objetiva-se relatar as vivências realizadas no currículo de pedagogia no campo de projetos 3, 4 e 5 em Economia Solidária e Educação Popular de maneira a assistir, analisar e fomentar práticas de desenvolvimento na Cooperativa Sonho de Liberdade em contraposição à lógica do capitalismo e do mercado excludente. Buscou-se verificar através dos encontros o entrelaçamento do processo educativo e gestor, inseridos na divulgação na cooperativa. Os resultados mostraram a necessidade da cooperativa se configurar como organização autogestionária de grupos populares, o que refletiu no êxito do projeto de pesquisa. O que leva a concluir que na perspectiva da educação popular e da economia solidária, a emancipação dos setores populares pode ser construída tendo por base conhecimentos estratégicos, reflexão, questionamento da realidade, construção coletiva de outras formas de comercializar, produzir, gerenciar e de desenvolver a comunidade local.

**Palavras-chaves:** Educação Popular. Pesquisa-Ação. Economia Solidária.

## **ABSTRACT**

The present work comes to reflect on the Cooperative Dream of Freedom based on the conception that the educational principle is, and has been guided by the Solidarity Economy. Uses for this the proposal of the Solidarity Economy in education sought in the pedagogy of self-management and in approaches and principles of Popular Education, and with the ideal of equality and cooperation supported by Solidarity Economy. We used methods and contributions of the action research method qualitative approach, with data collection by observation and individual interviews and analysis of these data. In this context, the objective is to relate the experiences made in the teaching curriculum in project field 3, 4 and 5 in Economy of Solidarity and Popular Education in such a way as to watch, analyze and promote development practices in Cooperative Dream of Freedom as opposed to the logic of capitalism and the market exclusive. We tried to check through the meetings the interweaving of the educational process and manager, inserted in the disclosure in the cooperative. The results showed the need for the cooperative to configure as self-managed organization of popular groups, which reflected the success of the research project. This leads to the conclusion that in the perspective of popular education and the economy of solidarity, the emancipation of popular sectors can be built based on strategic knowledge, reflection, questioning reality, collective construction of other forms of marketing, produce, manage and develop the local community.

**Keywords:** Popular Education. Action Research. Solidarity Economy.



## **LISTA DE ABREVIATURAS**

**AASM:** Associação Atlética de Santa Maria

**DF:** Distrito Federal

**EAMES:** Escola de Aprendizes Marinheiros do Espírito Santo

**EJA:** Educação de Jovens e Adultos

**EP:** Educação Popular

**ES:** Economia Solidária

**FBES:** Fórum Brasileiro de Economia Solidária

**INESC:** Instituto de Estudos Socioeconômicos

**RJ:** Rio de Janeiro

**SAA:** Secretária de Atendimento Acadêmico:

**SUDENE:** Superintendência do desenvolvimento do Nordeste

**UEA:** Universidade do Estado do Amazonas

**UERJ:** Universidade do Estado do Rio de Janeiro

**UFF:** Universidade Federal Fluminense

**UnB:** Universidade de Brasília

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>PARTE I: MEMORIAL EDUCATIVO .....</b>	<b>12</b>
<b>MEMORIAL.....</b>	<b>13</b>
<b>PARTE II RELATO DE VIVÊNCIAS: .....</b>	<b>23</b>
<b>“ECONOMIA SOLIDÁRIA E EDUCAÇÃO POPULAR: UM DIÁLOGO NECESSÁRIO NA COOPERATIVA SONHO DE LIBERDADE” .....</b>	<b>23</b>
<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>24</b>
<b>1 REFLEXÕES SOBRE EDUCAÇÃO POPULAR NA ECONOMIA SOLIDÁRIA ....</b>	<b>25</b>
1.1 PROPOSTA DE EDUCAÇÃO NA ECONOMIA SOLIDÁRIA.....	25
1.2 A ECONOMIA SOLIDÁRIA E A EDUCAÇÃO POPULAR: PRINCÍPIOS NORTEADORES .....	31
<b>2 METODOLOGIA DA PESQUISA.....</b>	<b>38</b>
2.1 CONTEXTO DA PESQUISA .....	39
<b>2.1.1 A ESTRUTURA ESPACIAL DA COOPERATIVA.....</b>	<b>42</b>
2.2 SUJEITOS DA PESQUISA.....	45
2.3 ETAPAS DA PESQUISA-AÇÃO .....	46
<b>2.3.1 PLANEJAMENTO .....</b>	<b>46</b>
<b>2.3.2 CONTEXTO E PROPOSITO DA PESQUISA.....</b>	<b>47</b>
<b>2.3.3 COLETA DE DADOS .....</b>	<b>49</b>
<b>2.3.4 IMPLEMENTANDO O PLANO DE AÇÃO .....</b>	<b>50</b>
<b>2.3.5 ANÁLISES DAS AÇÕES .....</b>	<b>52</b>
<b>2.3.6 AS AÇÕES EM CAMPO .....</b>	<b>53</b>
<b>2.3.7 RESULTADOS .....</b>	<b>54</b>
<b>3- CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>56</b>
<b>PARTE III: PERSPECTIVAS FUTURAS .....</b>	<b>58</b>
<b>PERSPECTIVAS FUTURAS.....</b>	<b>59</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>61</b>
<b>APÊNDICE.....</b>	<b>65</b>
<b>ANEXO .....</b>	<b>67</b>

## APRESENTAÇÃO

Este trabalho de Conclusão de Curso faz parte das exigências do curso de Pedagogia da Universidade de Brasília para qualificar a formação do pedagogo.

O trabalho está dividido em três partes: **Memorial Educativo, Relato de Vivências e Perspectivas Profissionais.**

O **memorial educativo** destina-se a relatar acontecimentos importantes da vida pessoal, escolar e acadêmica. A trajetória escolar compreende o antigo 1º grau e 2º grau (atual Ensino fundamental e Ensino médio), e a saída para o serviço militar e a retomada. E a acadêmica relata meu percurso até chegar a UEA, e a transição para UERJ, em função de transferência devido a vida militar até a chegada a UnB.

Em **Relato de Vivências**, inscreve-se sobre o tema “Economia Solidária e Educação Popular: Um diálogo necessário na Cooperativa Sonho de Liberdade”, fundamentado nas aproximações entre a Educação Popular e a Economia Solidária e em princípios norteadores na qual trata da emancipação e da criticidade do sujeito. Quanto à pesquisa, foi escolhida como instrumento de coleta de dados a observação e a entrevista informal.

Em **perspectivas profissionais** apresenta-se um breve relato como projeção de futuro profissional.

## **PARTE I: MEMORIAL EDUCATIVO**

## MEMORIAL

### A JORNADA DE UM ETERNO APRENDIZ

#### ONDE TUDO COMEÇOU

Nasci em 29 de dezembro de 1971 no hospital militar Aristarcho Pessoa no Rio Comprido no bairro da Tijuca, na cidade do Rio de Janeiro. Filho de Paulo Rodrigues dos Santos, bombeiro militar e Luzia Silva dos Santos doméstica, minha família morava no bairro de Magalhães Bastos na zona oeste carioca.

Lembro-me de uma infância muito tranquila no meio de cinco irmãos, eu era o do meio, o terceiro para ser mais exato. Éramos muito unidos nas brincadeiras, nos afazeres e nas estripulias.

Colocar fogo no mato do terreno da igreja era a nossa diversão para sofrimento do padre, inspirados pela profissão de meu pai que era soldado bombeiro. Minha mãe cuidava de tudo e de todos com muito zelo e carinho, papai era rigoroso e disciplinador. Perdi as contas das vezes em que fiquei em pé atrás da porta, de castigo por brigas ou qualquer indisciplina.

Apesar de tudo o clima era gostoso, até ajudar minha mãe a encerrar a casa grande cheia de tacos de madeira era divertido.

Lembro-me do meu primeiro dia de aula e minha mãe colocando meus sapatos para o primeiro dia de aula, eu quase sempre chorava pela sensação de abandono. Meus pais quase sempre me presenteavam com geleia com o objetivo de me convencer a frequentar as aulas na Escola Municipal Álvaro Alvim no mesmo bairro que morava.

Neste mesmo ano fui acometido de uma pneumonia aguda, sofri varias e dolorosas seções de drenagem dos pulmões, que me tirou da escola me deixando internados quinze dias no mesmo hospital que nasci.

No mês de abril em 1978, mudamos para um apartamento, no bairro Acari Fazenda Botafogo-RJ, a escola do bairro não me aceitou com seis anos, pois o primário só iniciava aos sete anos de idade naquela época. Foi muito triste para mim, ver meus irmãos indo para escolas e não poder acompanhá-los.

Ingressei no ano seguinte na primeira série primária, matriculado na Escola Municipal Charles Anderson Weaver, escola onde estudei até a quarta série em 1982.

Recordo-me na primeira série primaria a figura da professora Isis, era muito boazinha e paciente com todos os alunos. Nessa época, meu pai nos incentivava sempre prometendo algo, mas quase sempre não cumpria suas promessas, no final daquele ano eu já sabia ler.

Meus pais tinham constantes brigas. Acredito que essas brigas de meu pai com minha mãe e as ameaças em abandonar a família me fez amadurecer e pensar a escola como forma de salvação, me motivou a me empenhar a ser um bom aluno. Não cheguei a ser um aluno excepcional com excelentes notas, mas nunca reprovei.

Passei para segunda série, aprendendo as quatro operações da matemática, com a professora Rita de Cassia, ela era muito séria. A terceira foi um complemento da matemática, com a professora Nadir.

A quarta série foi ótima, mas as notas não foram das melhores apesar da aprovação final, minha caligrafia era péssima apesar das cobranças da professora Jandira, descobri o grande motivo na série seguinte.

## A QUINTA SÉRIE E A GRANDE DESCOBERTA

A quinta série chegou com mudança de escola, pois a escola anterior só ia até a quarta série. Nessa escola o uniforme padrão era exigido, calças compridas, bermuda não era permitido e nem tênis colorido, era a Escola Municipal Erico Veríssimo no mesmo bairro, tinha ainda algumas matérias de cunho profissionalizante. Neste período descobri meu maior problema, graças à professora de geografia.

Durante o primário sofria muito com dificuldades em enxergar o quadro negro, os garranchos que fazia no caderno, as fortes dores de cabeça e a falta de compreensão e ignorância de meus pais.

A professora me observava muito, e certo dia ela me chamou na frente da turma e disse: Está fazendo careta! Você enxerga aqui?... Ali? Aqui? E ia escrevendo no quadro.

Pegou-me pelo braço e me levou para secretaria, fui conversar com a diretora, disse-me que não aparecesse na escola até fazer os óculos, e que talvez a escola ajudasse a custear os óculos o que não aconteceu.

Meu pai no seu jeito rustico de ser, quase sempre ficava bravo quando o assunto era gastar dinheiro, tive medo de sua reação quando visse o papel que a diretoria me entregou na escola.

Lembro que reclamou muito, mas fez os óculos, eu já contava com menos seis graus, e só tinha 11 anos. Levei o resto do ano não só me acostumando com os óculos e também com as brincadeiras e as piadas dos colegas, não se falava em Bullying naquela época. Diversas vezes sua armação de material mais barato não aguentava e partia sempre devido a grossura das lentes.

O sexto ano foi difícil na matemática, com o conjunto dos números inteiros, os livros eram caros para quem tinha vários irmãos, nos anos oitenta época de muita inflação e economia estagnada.

A professora vendia os livros dentro da sala de aula e cobrava ao longo do ano. Conteí muitas vezes com empréstimos de livros de colegas de classe, e superei as dificuldades e cheguei ao sétimo ano.

As dificuldades continuaram no sétimo ano com o material escolar, compartilhando livros e materiais e foi assim também no oitavo o último ano do primeiro grau.

## O 2º GRAU, O DIFÍCIL ACESSO E O NOVO CAMINHO.

O acesso ao segundo grau era feito mediante o concurso de seleção. O colégio era o Colégio Estadual Marechal João Batista de Mattos em Coelho Neto.

O colégio tinha muros altos e um controle rigoroso de frequência para alunos, com carimbos na caderneta, o atraso não era tolerado, me lembro de que fui barrado e enviado pra casa muitas vezes por causa de cinco minutos de atraso.

Lembro-me que nos primeiros meses no colégio, no Primeiro ano, calouros não eram permitidos no pátio e estudávamos em um prédio anexo, os trotes eram constantes.

Não comia nada das 07h00min até 12h10min, pois o colégio do estado não fornecia merenda escolar a seus alunos, me recordo de chegar em casa com fortes dores de cabeça e o pão encontrado no fogão era o melhor do mundo.

No segundo ano eu tive a satisfação de usar a segunda estrela no peito, pois significava ficar livre de qualquer trote e ter acesso livre ao pátio sem ser importunado. Apesar de ter sido oprimido não me tornei um opressor, não fiz parte da política do trote aos novos alunos.

O ano foi corrido teve greve geral de professores, e convencido pela família prestei concurso para as Escolas Aprendizes Marinheiro naquele ano, não obtendo aprovação. Não era meu desejo entrar para Marinha, mas concordava que naquela época se manter na escola, e posteriormente fazer vestibular era muito difícil, pois devido à concorrência carecia de investimento na preparação.

As aulas retomaram e me lembro de que não teríamos mais férias escolares, foram provas em cima de provas. Os livros eram caros, meu livro de matemática me foi doado pela própria professora Josefa, eu ainda o guardo com muito carinho, continuava pegando livros emprestados. A vida de estudante continuava difícil.

Ocorreu o segundo concurso para Marinha, naquele ano, decidir estudar mais em casa buscando a aprovação, lembro-me do tema da redação: Meu pai meu amigo. Parecia brincadeira, narrar minha relação com meu pai.

Lembro-me ter passado no jornaleiro e comprado o Jornal, e não ter tempo de abrir em sala, só olhando no intervalo. Sim, estava aprovado.

Da satisfação da aprovação a preocupação com a mudança de planos e sonhos, foram segundos. Fui aprovado nos exames médicos, mesmo com uma miopia acentuada. Usava lentes de contato, passando despercebido não fui eliminado.

Conclui o 2º ano do 2º grau em 88, me apresentei na EAMES<sup>1</sup> em janeiro do ano seguinte. Assim terminava minha história na escola regular, pois fui compor a turma da Escola de Aprendizes Marinheiros na cidade de Vila Velha no Espírito Santo.

## UM APRENDIZ NO INTERNATO

A rotina da escola era rigorosa o dia começava com a Alvorada (início do dia 06h00min da manhã, marcado com toque de corneta), a ginástica era obrigatória inclusive as aulas de natação, mesmo no frio.

---

<sup>1</sup> Escola de Aprendizes Marinheiros do Estado do Espírito Santo Destinada a formação militar de marinheiros em regime de internato.



O café da manhã, obrigatório como tudo, era depois do banho e seguido das aulas de instrução militar naval e português, matemática, física e algumas de cunho profissional como eletrônica e eletricidade.

Certa vez lembro-me de ter largado o almoço, pois não estava bom, e o capelão da escola, ter-me obrigado a comer foi horrível. Assim como de ter feito muitas flexões de braço como punição por entrar no refeitório fora de hora, ou ter sido anotado pelo uniforme ou a cama arrumada fora dos padrões.

O serviço da escola também era de reponsabilidade dos alunos, o pior horário era o de meia noite às 03h00min, o cansaço e sono era o maior inimigo. Sentia muita falta de casa, até das brigas com os irmãos, mas eu queria sair daquela escola com o curso concluído, a questão financeira falava mais alto.

Depois de onze meses de internato, terminei o curso voltei ao Rio de Janeiro, já como marinheiro embarquei num navio.

O que me impossibilitou em retomar o segundo grau de onde parei, devido as constantes viagens de um navio que tinha um calendário anual. Cumpri o tempo de embarque exigido, e fui para uma organização militar de terra.

Assim que pude procurei o colégio que tinha abandonado procurando o curso noturno, escutando da coordenadora que naquele ano não seria possível, pois não havia mais vaga.

Eu tinha que voltar a estudar e aproveitar aquele período servindo em terra. Procurei a rede particular de ensino, contei minha história e me aceitaram no meio do ano. Retirei meus documentos do antigo colégio, e me matriculei no Colégio Euclides da Cunha num bairro da zona norte que coincidentemente, se chamava Colégio.

Lembro-me de fazer as matérias dentro de um sistema de créditos em complementação e muitas vezes estar de serviço concorrendo uma escala muito apertada.

Estudei um ano neste colégio trabalhava em Niterói, na Base Naval do Rio de Janeiro no complexo de mocanguê que fica anexo a ponte Rio-Niterói, quando de serviço as vezes conseguia sair, mas tinha de trocar de horário e cobrir o plantão até as quatro da manhã, só assim conseguia frequentar as aulas e as vezes era proibido pelos supervisores.

Fui muitas vezes impedido de ir às aulas pelos meus superiores, por não aceitarem esse tipo de permuta, mas nunca desanimei.

Desta forma terminei o ano de 1991 e o 2º grau também. Ainda me lembro da alegria do meu nome no Diário Oficial, para mim foi muito difícil essa saga, as idas e vindas nos ônibus tarde da noite e o medo de ser assaltado. Fomentava levemente o desejo de buscar o ensino superior, mas ainda tinha muitas dúvidas.

Em 1993, me especializei em radio telegrafia, um curso puxado, pois além das matérias como eletricidade e eletrônica, tinha que aprender o Código Morse<sup>2</sup> em diferentes cadências, em transmissão e recepção, ficava horas escutando fitas K7, em estudo obrigatório para poder me acostumar.

Fiz curso de datilografia por seis meses com o objetivo acompanhar melhor o curso, pois tinha péssima coordenação motora.

Conclui o curso e já especializado fui designado para outro navio, de novo embarcado via o sonho de buscar o ensino superior ficava cada vez mais longe.

Cheguei a fazer cursinho, para me atualizar e me escrever no vestibular da UFF, para contabilidade. Mas neste dia eu estava saindo de serviço e a minha rendição se atrasou, e faltei a o vestibular.

Fui transferido para Brasília em 1997, voltei a estudar fazia cursinho na W3 Sul, o cursinho se chamava Pegassus. Não sabia qual o curso escolher, não almejava contabilidade. Fiz o vestibular de algumas faculdades uma delas foi a UnB, sem sucesso, era preciso estudar mais e eu não tinha tempo e nem dinheiro.

Participei do concurso para sargento no ano seguinte, fiz um curso de redação na asa norte e passei a focar na carreira.

Já tinha feito duas provas anteriores e não tinha sido aprovado, o número de vagas era limitado precisava me empenhar mais. Consegui a aprovação em primeiro lugar, e fui compor a turma no ano seguinte.

Voltei ao Rio de Janeiro, o calor era intenso o curso iniciara no verão de janeiro, aquele ano foi muito difícil pra mim. Devido motivos particulares e problemas de família, pois perdia meu filho por complicações no parto.

Formei-me sargento e prossegui a carreira escolhendo um lugar que não precisasse viajar para melhor assistir a família, agora não eram mais só os meus objetivos que pesavam.

---

<sup>2</sup> Código Morse é um sistema de representação de letras, números e sinais de pontuação através de um sinal codificado enviado intermitentemente.

## NASCE UMA PAIXÃO

Servindo em um quartel que tinha em um dos seus departamentos um setor que tratava de Assessoria e Adestramento, conheci outro lado da vida militar. A instrutoria, que buscava treinar e adestrar militares recém-embarcados para assumir com eficiência suas funções.

Esse foi o meu primeiro batismo como instrutor. Era emocionante quando terminava tudo e via o resultado nas pessoas e como a qualidade do serviço melhorava.

Fui transferido para Amazônia no alto Solimões, cidade de Tabatinga, cidade pequena a 1.106 km de Manaus, muito calor e umidade. Fui servir na Capitania dos Portos de Tabatinga trabalhei no setor de comunicações, na parte da secretaria, relações públicas e em especial no ensino profissional marítimo, esse setor me ensinou muito.

Com a participação como instrutor no curso de formação de aquaviário, foi possível ter contato com aquaviários de vários níveis de escolaridade e compartilhar seus sonhos.

Na cidade o sistema de navegação era na maioria das vezes artesanal, isto é, o aquaviário constrói sua própria canoa e passava a viver da pesca e do transporte, e a Capitania dos Portos através de um departamento chamado de Ensino Profissional Marítimo buscava regulamentar essas embarcações e defendendo a navegação com seguranças através de seus adestramentos e cursos.

## A RETOMADA DE UM SONHO

Na cidade tinha um polo da Universidade do Estado do Amazonas, e no ano de 2006 iria ocorrer o vestibular para aquela universidade. Recordo-me que nenhum curso interessava no início, pois o desejo de buscar um curso superior ficou guardado no passado devido às dificuldades e de outras responsabilidades que foram surgindo ao longo da minha jornada.

Decidi me inscrever no curso Normal Superior, acredito que pelas recentes descobertas na vida, a instrução e também com a profissionalização dos aquaviários.

As vagas eram limitadas para pessoas que não eram naturais da cidade, consegui me classifiquei em primeiro lugar. Foram momentos de novas descobertas, novas ideias e novas amizades. Com a mudança do currículo, o curso mudou para Pedagogia e as aulas também.

Meu tempo na Capitania Fluvial de Tabatinga estava terminando, estava novamente sendo redirecionado para sede e o um antigo fantasma me atormentava. Voltaria para a Esquadra, na base de Niterói RJ, o que me devolveria à situação anterior me afastando dos estudos.

Enxerguei a solução me escrevendo num concurso interno para área técnica, era o curso de qualificação técnica especial em Telemática. Era a única forma que via de continuar servindo em terra e continuar estudando. A prova tinha questões de física, matemática e informática.

Consegui a aprovação e também a transferência para um centro de instrução, e consegui ficar longe dos navios, e uma sobriedade na faculdade, mas não consegui impedir a mudança de estado.

Cheguei ao Rio de Janeiro em 2010 o calor impossível e típico de verão, me apresentei no Centro de Instrução Almirante Alexandrino, na Penha-RJ, como aluno. Uma rotina difícil e rigorosa, com aulas que iniciavam as 07h00min da manhã e terminava as 14h00min. Estava difícil naquele ano retornar a faculdade, pois as aulas eram intensas e as provas eram constantes.

Procurei a Universidade do Estado do Rio de Janeiro, me matriculando no ano seguinte. O curso de pedagogia ficava no último andar (12º andar), um tormento quando os elevadores ficavam parados.

Percebi a grande diferença do currículo da UEA em relação o da UERJ, teria de fazer novas matérias. Não conhecia ninguém, e com isso me sentia bastante solitário apesar de estar na minha cidade.

Quando estava passando por uma equivalência de matérias, tentando me adequar ao novo currículo, foi quando ocorreu a primeira greve na Universidade. A UERJ aspira um sentimento de movimento popular constante, passeatas e protestos de movimentos estudantis são comuns na casa.

No trabalho permaneci no Centro de Instrução e me tornei instrutor na escola de comunicações daquela instituição.

Reconheço que era apaixonante fazer parte, e contribuir com o futuro de novos jovens na Marinha, mas foi doloroso demais quando certa vez um aluno

deixou de frequentar as aulas do curso e tinha desaparecido. Ele tinha sido encontrado morto na favela Roquete Pinto, no complexo da Maré, e enterrado como indigente no bairro de Santa Cruz- RJ.

Senti-me culpado por estar tão perto e não ter percebido isso nele e não ter ajudado, ele se chamava Rodolfo. Mas instrutoria é apaixonante e essa troca é maravilhosa.

Fui designado para nova transferência, desta vez para Brasília. A UERJ ainda se encontrava em greve, solicitei minha transferência na faculdade para a UnB.

## NOVO RECOMEÇO

Cheguei a Brasília em outubro de 2012 me sentia perdido quanto à cidade e na UNB, apesar de já ter passado pela cidade antes.

Encontrei o Senhor Manoel do SAA (Secretaria de Atendimento Acadêmico), pessoa excelente que me deu todas as coordenadas para efetivar minha matrícula. Não entendia o sistema de créditos, o aluno online, o sistema de matrículas.

Foi quando encontrei a professora Sonia, de quem recebi a primeira orientação acadêmica sobre os sistemas da UNB, e a problemática dos créditos e as disciplinas obrigatórias e optativas.

A professora comentou sobre o Projeto de Economia Solidaria, me despertando interesse, principalmente por que se adequava aos sábados, pois em função do trabalho, pois algo diferente disso ficava inviável às vezes realizar qualquer atividade na Universidade.

O que me fez participar em dois semestres seguidos em localidades diferentes. Santa Maria na Associação Atlética de Santa Maria (AASM) e na Escola Classe Fundamental 66 em Sol Nascente, experiências maravilhosas sobre autogestão, cooperativismo e solidariedade, locais onde passei a entender essa forma diferente de fazer economia num modelo que se contrapõe aquele imposto pelo capitalismo.

## O QUE ME LEVOU A PESQUISA

Ao longo do curso, tive dúvidas sobre qual seria o tema da minha monografia. A modalidade de ensino EJA (Educação de Jovens e Adultos) me chamou muita

atenção. Acredito que devido a minha pequena jornada como instrutor.

Mas, foi a partir da professora Sônia que conheci a ES, em apresentou o projeto e suas ideias, como já havia iniciado o projeto III em outra temática, decidi me inscrever, no Projeto IV em Economia Solidária. A professora Sônia é o tipo de pessoa incrível e que pela sua natureza, passa a impressão que já se conhece há muitos anos, e está sempre de bem com a vida e transfere com facilidade isso a qualquer um, contagiante, empolgada e muito sincera com sua visão de um mundo mais justo e uma fé e esperança imensurável.

Após esta vivência do Projeto IV em Santa Maria e Sol Nascente, senti a necessidade de fazer uma análise mais profunda a respeito do papel do educador popular, em um novo espaço. Analisando a Cooperativa Sonho de Liberdade e refletindo sobre suas características, e a características da Economia Solidária num dialogo com o propósito de favorecer uma educação mais justa e solidária, principalmente no âmbito da comunidade.

Fiz projeto IV fase 1 e 2 e Projeto V em Economia Solidária voltada à educação popular, e por ter experienciado formas variadas de educação em diferentes espaços. Nesta nova perspectiva aceitei o desafio da minha orientadora na busca de entender e explicar esse espaço enriquecedor, da transparência, participação e poder partilhado que são valores encontrados dentro do próprio processo da economia solidária. Agora como sujeito participante deste processo, e não alguém de fora, que busca enxergar na cooperativa sonho de liberdade.

Então decidi falar sobre Economia Solidária e Educação Popular, como um diálogo neste espaço que ainda há de ser explorado, porque além de ser um tema rico e produtivo, contribui significativamente para minha formação não só como educador, mas também como pessoa que é imprescindível para a conscientização e construção de uma nova sociedade.

Assim trago esse embate de vivências pedagógicas faço uma reflexão embasada em Paulo Freire e outros.

**PARTE II RELATO DE VIVÊNCIAS:**

**“ECONOMIA SOLIDÁRIA E EDUCAÇÃO POPULAR: UM DIÁLOGO  
NECESSÁRIO NA COOPERATIVA SONHO DE LIBERDADE”**

## INTRODUÇÃO

O cooperativismo popular surge no país como parte de um movimento maior, denominado economia solidária. Tanto a economia solidária como o cooperativismo popular, como uma de suas formas de expressão, ainda carecem de estudos mais aprofundados para delineamento e sedimentação de seus conceitos.

Este trabalho de conclusão de curso debate sobre as relações entre economia solidária e educação popular, como auxiliares em atividades, para o trabalho em uma cooperativa. Neste sentido, aborda especificamente descrições de ações educativas realizadas na Cooperativa Sonho de Liberdade na Cidade Estrutural, um empreendimento econômico e solidário, que surgiu de grupo formado em 2005, com pessoas egressas do sistema penitenciário da PAPUDA no Distrito Federal

Esta parte do trabalho é dividida em dois capítulos, sendo que o primeiro tópico leva a reflexão que consiste em mostrar as aproximações entre a Educação Popular e a Economia Solidária.

Por uma estratégia de possibilidade de mudança social para grupos populares, de uma pedagogia que assuma o trabalho com princípio educativo discutindo a proposta da educação na economia solidária, por uma pedagogia de autogestão. Além disso, pauta também os princípios norteadores da Economia Solidária e Educação Popular tratando da emancipação e da criticidade do sujeito.

O segundo capítulo trata sobre a metodologia da pesquisa-ação, na qual o pesquisador utiliza da observação participante artificial. E que teve como base visitas à cooperativa, entrevistas informais a cooperados e seus coordenadores. Para a coleta de dados foi realizada também a observação da rotina de trabalho e questionamentos, tendo como referência o conceito de cooperativa com objetivo de levantar possíveis deficiências no formato da cooperativa.

Foram apresentados resultados da pesquisa e as considerações finais, na qual foi possível perceber os pontos negativos e positivos, em que foram elaboradas sugestões que viabilizariam o projeto na Cooperativa Sonho de Liberdade.



## 1 REFLEXÕES SOBRE EDUCAÇÃO POPULAR NA ECONOMIA SOLIDÁRIA

A reflexão pretendida neste capítulo consiste em mostrar as aproximações entre a Educação Popular e a Economia Solidária por uma estratégia de possibilidade de mudança social para grupos populares por meio de uma pedagogia que assuma o trabalho com princípio educativo e segundo Freire, (FREIRE, 1981, p. 145).

[...] se os homens são seres do que fazer é exatamente porque seu fazer é ação e reflexão. É práxis. É transformação do mundo. E, na razão mesma em que o que fazer é práxis, todo fazer do que fazer tem de ter uma teoria que necessariamente o ilumine. O que fazer é uma teoria e prática. É reflexão e ação. Não pode reduzir-se, [...], ao tratarmos a palavra, nem ao verbalismo, nem ao ativismo.

Nesse sentido, esse capítulo traduz uma teoria que responde uma prática vivenciada em comunidade.

### 1.1 PROPOSTA DE EDUCAÇÃO NA ECONOMIA SOLIDÁRIA

As visões de trabalho, no marco da produção e como expressão da criação humana, é fruto das complexas operações que o animal humano vem apresentando, historicamente, no trato com a natureza material e suas lutas para sobrevivência. Nessas relações, o humano descobriu a sua capacidade de aprender, firmando esse momento como o fato pedagógico.

A proposta sobre o processo educativo almejado pelos sujeitos da Economia Solidária é percebida, principalmente em dois documentos mais relevantes: O texto oriundo da II Oficina Nacional de Formação/Educação em Economia Solidária e o texto da Conferencia temática de formação e Assessoria Técnica.

O debate da II Oficina (FBES 2007) foi orientado em torno de quatro eixos<sup>3</sup>, na qual se pode destacar os princípios, e as diretrizes metodológicas, em que os

---

<sup>3</sup> Na ocasião da II Oficina Nacional de Formação/Educação em Economia Solidária, realizada em abril de 2007, considerou-se aí quatro eixos inter-relacionados: princípios, diretrizes metodológicas, proposta de conteúdos e sistematização dos processos formativos/educativos em Economia Solidária.

participantes afirmam que as ações político-pedagógicas pressupõem conteúdos e metodologias de trabalho cujos horizontes se encontram com os princípios da Economia Solidária, isto é não há sentido em promover um processo de trabalho a partir de uma gestão e horizontal e não fazer o mesmo no processo educativo. Existe aí um indicativo de que a dinâmica de educação da economia solidária necessita assumir a perspectiva autogestionária do processo de trabalho. Destacando a importância de autogerir a pedagogia, significando que a metodologia de gestão do trabalho externa ao espaço de trabalho tem que se caracterizar como a autogestão da pedagogia, devendo a Economia Solidária vivencia-la e socializa-la e torna-la legitima toda vez que esta metodologia for uma novidade.

O resultado dessa oficina produziu um documento que se tornou a recomendação 08, do Conselho Nacional de Economia Solidária com o título Diretrizes Políticas Metodológicas para Educação em Economia Solidária.

Aliás, a educação que não se transformasse ao ritmo da realidade não 'duraria', porque não estaria sendo, como diria Freire (1979). Uma metodologia, uma filosofia que se pauta pelo exercício do sujeito para admiração e readmiração da realidade, pela aprendizagem da problematização, pela prática da crítica, pela autonomia das pessoas, pela busca da liberdade e pelo esforço ao exercício do diálogo. Também, não se pode conformar por uma prática que leva conhecimentos técnicos ao povo ou fatos aos grupos dos empreendimentos e nem se admite a permanência de qualquer valor da cultura conservadora estabelecida que dificulte essa organização.

Esse processo de construção de empreendimentos que se exercita para autogestão e pela economia solidária vem se conduzindo por uma metodologia, entendida como filosofia mesma, já que engloba uma visão de mundo com valores éticos e morais específicos, buscando tornar-se um modo de civilização de vida com a hegemonia da sociedade direcionada para outro projeto de sociedade.

A Metodologia proposta na gestão do empreendimento prevê a consciência da necessidade de implicação de cada um, a consequente participação desses atores, e, sobretudo, motivadora às pessoas e ao grupo para que possam chegar ao sucesso de suas iniciativas econômicas por meio de dinâmicas apropriadas. Enfim, uma metodologia que aponte para práticas e teorias que se complementam, promovendo o entendimento das transformações em curso, no campo político, econômico, social e cultural.

Esse formato que se conduz por uma teoria do conhecimento que não promove um conhecimento que transforma o sujeito em objeto, recebendo docilmente e passivamente os conteúdos desse conhecimento e da própria produção do conhecimento pela pesquisa. Um conhecimento que exercita a invenção e a reinvenção curiosa do humano em relação ao mundo. Ao mundo do mercado com sólida análise de seu contexto e instrumentos de educação política e técnica.

Este momento configura-se como aquele em que os participantes elevam-se para o exercício de coordenação desse empreendimento, elaboram e dirigem o seu planejamento.

“Conhecer, na dimensão humana, (...) não é o ato através do qual um sujeito, transformado em objeto, recebe, dócil e passivamente, os conteúdos que outro lhe dá ou impõe. (...) O conhecimento, pelo contrário, exige uma presença curiosa do sujeito em face do mundo. Requer sua ação transformadora sobre a realidade. Demanda uma busca constante. Implica em invenção e em reinvenção. Reclama a reflexão crítica de cada um sobre o ato mesmo de conhecer, pelo qual se reconhece conhecendo e, ao reconhecer-se assim, percebe o ‘como’ de seu conhecer e os condicionamentos a que está submetido seu ato. (...) Conhecer é tarefa de sujeitos, não de objetos. E é como sujeito, e somente enquanto sujeito, que o homem pode realmente conhecer” (FREIRE, [1969] 1992a, p. 27).

Nessa concepção precisa que metodologia fomente a ação cultural (Freire, 1976), conduzindo-se pela colaboração enquanto promove o diálogo entre aqueles que até podem saber pouco. Estes, contudo, sempre sabem algo. Assim, todos podem saber mais. Pela união enquanto promove a superação da divisão e pelo empenho organizativo incessante de empreendedores solidários populares, contrapondo-se à manipulação e ao assistencialismo.

A outra proposta de grande importância que compõe as diretrizes político-pedagógicas para a educação em economia Solidária passa pelo reconhecimento do trabalho associado como princípio educativo. Ratificam-se as relações estabelecidas na atividade do trabalho associado como lugar de produção de conhecimento por excelência é o que se chama de pedagogia da autogestão. Pedagogia que por si só, uma vez que a avaliação, a sistematização e a socialização das experiências concretas de formação dos trabalhadores acontecem de forma permanente no neste espaço, permitindo a reconstrução das praticas sociais e dos sentidos do trabalho. Desta forma, o próprio local de trabalho é concebido como espaço e como princípio

educativo cujo intuito é buscar uma nova cultura de trabalho promovendo novas relações econômico-sociais validando o conhecimento de trabalhadores e trabalhadoras. Freire (2002) cita que: "O conhecimento exige uma presença curiosa do sujeito em face do mundo. Requer uma ação transformadora sobre a realidade. Demanda uma busca constante. Implica em invenção e em reinvenção".

Cabe ressaltar, que a diretriz estruturante para a concepção do processo formativo educativo da economia solidária reafirma a autogestão com proposta político-metodológica, pois "não se faz formação sem praticar o que se está propondo, logo, o método para a integração, construção e partilha dos saberes deve ser também autogestionado" (FBES, 2007).

Os principais debates da II Oficina Nacional de Formação/Educação consideraram como contribuição ao processo educativo: a relação da formação em Economia Solidária e a Educação Popular; a formação em economia solidária para ao fortalecimento da autogestão e da eficiência econômica por meio da sistematização das experiências de formação como processo investigativo e educativo, com aporte na pedagogia autogestionária.

Tiriba (2008) acredita numa pedagogia da produção associada que poderá formar trabalhadores para uma nova cultura do trabalho. Ela elenca três concepções teórico-metodológicas que estão no seio da economia solidária: i) Enfatizam-se os aspectos éticos das relações sociais, em especial, a cooperação e solidariedade (educação humanista); ii) busca-se no resgate da cultura popular e nos pressupostos da educação popular a possibilidade de uma práxis libertadora e emancipadora; (educação emancipatória); iii) Considera-se o trabalho como instância e princípio educativo; ênfase de superação da sociedade capitalista (educação integral) (Tiriba, 2008, p.11).

Isso significa dizer que, a partir da prática coletiva da economia popular solidária e do processo pedagógico oriundo dela, é possível ressignificar o processo, dando uma concretude histórica diferente para a economia popular, que não se limite na reprodução do sistema.

A partir de reflexões conceituais os atores da Economia Solidária orientam suas ações reconhecendo todos como educadores, trabalham para fortalecer a educação popular e economia solidária como estratégia de desenvolvimento por meio de uma educação para solidariedade.

O trabalho como princípio educativo que se enfatiza como dinâmica fundamental para a educação popular em um espaço que se favorece a uma compreensão de uma pedagogia autogestionária.

A autogestão se relaciona com o desafio de construir uma cultura do trabalho associado, inspiradora de uma gestão autônoma que remeta a formas radicalmente novas de organização social de um investimento solidário. Ao propor a superação da separação entre quem toma as decisões e quem as executa, a autogestão intenciona a viabilidade dos empreendimentos econômicos solidários com autonomia e sustentabilidade, valorizando a dimensão econômica, mas sem se restringir a ela. Nesta perspectiva, a autogestão torna-se um elemento fundante da vida individual e social dos que a ela aderem. (Tiriba, 2006).

A economia solidária enquanto lugar de educação popular oportuniza a intrínseca relação com a dimensão econômica como parte da sua identidade tendo como centralidade o trabalho, seja na organização ou razão de existir.

A educação popular sempre trabalhou a partir da dimensão material da vida, onde o econômico se constitui base, inserido no contexto de totalidade e dialética das relações sociais de produção. Porém, vale destacar que a economia solidária se constitui nesse espaço por excelência.

As especificidades da economia solidária têm a ver, igualmente com compreensões de transformação social, aspectos esses presentes desde sua reinvenção a partir da década de 1980 (Singer, 2002.).

Em síntese, a inclusão e progressiva apropriação solidária da dimensão econômica - a partir do trabalho como matriz educativa – como componente importante para a melhoria das condições de vida, a geração de outra lógica solidária de trabalho na perspectiva do ensaio de outra economia, constituiu-se em potencial educativo relacionado com os demais espaços sociais estruturados/estruturantes da sociedade (Bourdieu, 1996).

É em função dessa especificidade voltada ao processo de produção material da vida que a autogestão aparece como possibilidade e desafio nos empreendimentos de economia solidária. Estes contemplam na forma de organização a gestão coletiva, a distribuição justa dos resultados e responsabilidades e a propriedade coletiva dos meios de produção. Do processo coletivo de gestão do trabalho decorre a possibilidade de uma pedagogia dos trabalhadores ou pedagogia da autogestão.

Assumindo os princípios da educação popular, a formação nos espaços da economia solidária tem se desafiado a (re) inventar metodologias participativas ancoradas na compreensão dialética materialista e histórica. Tal perspectiva está presente ao assumir, sobretudo, quatro elementos fundamentais na compreensão e prática educativa: a intrínseca relação entre político e pedagógico, indicando que não há educação neutra; a centralidade do ser humano como sujeito histórico; a dimensão ética e emancipadora como parte de um processo mais amplo de transformação social; e a compreensão de que o conhecimento se produz socialmente dentro de determinadas condições sociais (Paludo, 2008).

Além disso, também considerar que a prática do trabalho associado em si, isto é, mesmo sem uma explícita intencionalidade pedagógica, se coloca como escola de aprendizados, o que, no ambiente do Centro de Formação de Economia Solidária, tem sido denominado de pedagogia da autogestão. Trata-se de uma formação que acarreta mudança de uma postura e uma nova experiência de vida que na medida em que as relações estabelecidas na atividade do trabalho oportunizam novas reconfigurações de compreensões, novas representações sociais e novas posturas e maneiras de agir.

Desta forma, as condições objetivas de trabalho se tornam mediação educativa para trabalhadores associados. Porém, somado a essa dinâmica, há igualmente o desenvolvimento de processos pedagógicos estrategicamente planejados com base em princípios de educação popular e que se tem denominado de autogestão da pedagogia.

Por essa compreensão, faz-se necessário generalizar uma educação na e para a autogestão a partir das experiências de economia solidária, visto que muitas delas se constituem um fim em si mesmo, perdendo de vista a perspectiva de articular-se com outras forças que lutam pela radicalização da democracia e construção de outra economia, de outro desenvolvimento com justiça social, libertado das desigualdades e dominações de todo tipo.

Os estudiosos da dimensão pedagógica da autogestão alertam que esta se consolida quando a formação que acontece na atividade do trabalho é complementada por uma formação permanente que articule a perspectiva ético-política com a dimensão técnico–produtiva. Nascimento (2011) destaca que O trabalho associado oportuniza um modo indutivo de formação com referência na

experimentação. “As experimentações de autogestão mobilizam os trabalhadores para uma tarefa concreta e, assim, adquirem no processo e de modo indutivo uma formação para a autogestão” (Nascimento, 2011, p. 117).

Nesse sentido destaca as ideias de Jef Ulburghs, que sintetiza as dimensões de uma pedagogia autogestionária: a formação técnica, a social e política, e a formação cultural e moral. Como não lembrar aqui o princípio pedagógico da articulação entre prática-teoria-prática de Freire: “Se há saber que só se incorpora ao homem experimentalmente, existencialmente, este é o saber democrático” (Freire, 1976, p.92).

São importantes as técnicas que ajudam esses trabalhadores/as a pensarem, agirem e descreverem o mundo, com base nas relações humanas e o próprio mundo, como expressão dialética de um movimento de análises e novas sínteses que externarão, possivelmente, através da história e da crítica, os anseios gerais ou locais das transformações necessárias. É uma relação de síntese do sujeito com o mundo; uma leitura assentada na história e instigada pelo difícil exercício da crítica ao outro e a si mesmo. Ora, um ambiente de aprendizagem autogestionária muito pode contribuir para tais exercícios.

## 1.2 A ECONOMIA SOLIDÁRIA E A EDUCAÇÃO POPULAR: PRINCÍPIOS NORTEADORES

Os princípios da educação popular precisam dialogar com a educação formal, pois este diálogo é libertador ao trazer a relação dinâmica dos grupos populares com a realidade social em que estão inseridos. Pode-se perceber a aproximação a esses princípios quanto à emancipação dos grupos de trabalho com base na educação popular.

O caráter emancipador da educação popular a partir de práticas pedagógicas não consiste em divulgar conteúdos críticos, mas em incorporar estratégias e critérios para formação de pensamentos e subjetividades críticas e emancipadoras.

O papel ativo dos sujeitos que aprendem também implica em uma atitude crítica e uma atitude problematizadora frente à realidade e frente a seus próprios esquemas. É por isso que sua proposta metodológica também é problematizadora, os temas geradores tem uma característica importante que seria expressar situações limite, isto é, problemas que evidenciam os limites da ordem social e o potencial humano para supera-los.

Outro critério pedagógico seria colocar-se criticamente diante do mundo em que a curiosidade se faz necessária, mas não o suficiente na perspectiva de assumir um pensamento e uma subjetividade críticos. Essa curiosidade tem como proposta colocar-se frente à realidade, posicionar-se criticamente frente ao contexto, e as circunstâncias históricas que nos desafiam e nos condicionam.

Além disso, o pensar considerando opções de transformação, em que a apreensão crítica do mundo, mais do que uma operação cognitiva, é um desafio diante da necessidade de transforma-lo, que exige lucidez e rigor, mas também vontade de fazê-lo. “Se na realidade não estou no mundo para me adaptar a ele, e sim para transformá-lo, não é possível muda-lo sem um certo sonho de projeto de mundo [...]”. (Freire, 2001, p. 43).

Freire (2001, p.52) também insiste na necessidade de confiança na construção de utopia; sem visões do futuro, não há esperança: “O exercício constante de uma leitura de mundo, que exige a compreensão crítica da realidade, supõe, por um lado, sua denúncia e, por outro, o anúncio do que ainda não existe”.

É preciso reconhecer que carregamos uma herança cultural impregnada de racionalidades, formas de conhecer, de valorar, e de sentir acríticas, ingênuas, fatalistas, dogmáticas, dicotômicas, excludentes, que bloqueiam o pensamento e a vontade de transformação.

Pensar criticamente não é fazer afirmações com conteúdo crítico, mas adquirir uma maneira de pensar capaz de ler criticamente mundo por conta própria. Isto implica a formação de critérios para compreender e resolver problemas concretos em contextos cambiantes. Os critérios são razões valiosas que justificam e defendem formas de pensar e fazer que considerassem relevantes confiáveis e potentes.

Os critérios se produzem e são pertinentes em comunidades interpretativas específicas e se expressam através de princípios, acordos, valores, normas, propósitos e pautas de ação comuns; envolvem esquemas cognitivos e valores compartilhados a partir dos quais se apreende a realidade e se orientam ações individuais e coletivas.

Freire (2001) propôs que a educação deve servir para que homens e mulheres se formem como sujeitos autônomos e críticos, a partir do diálogo e da ação transformadora de sua realidade.



Do mesmo modo, a construção de um pensamento e de subjetividades alternativos só é possível a partir do diálogo entre pessoas que, a partir de suas singularidades e diferenças, compartilham a vontade e o interesse de transformar a realidade em função de visões de futuro emancipadoras. Neste sentido, o pensamento crítico é construído e regulado subjetivamente em comunidades dialógicas de indagação.

Pensar criticamente exige estar alerta para não naturalizar nosso próprio olhar, exige converter em objeto de reflexão crítica todas e cada uma das operações mentais, assim como as decisões que tomamos. Isso corresponde ao que Freire chama de atitude autocrítica frente as nossas próprias leituras e práticas diante da realidade.

Para Lipman,

[...] o pensamento complexo é aquele que está consciente de seus próprios pressupostos e implicações, assim como das razões e evidências nas quais apoia suas conclusões [...] Examina sua metodologia, seus procedimentos, sua perspectiva e seu ponto de vista próprios [...] da mesma maneira que implica pensar sobre a matéria que é o objeto de exame (Lipman, 1998, p, 97).

O pensamento e a subjetividade críticos ganham sentido na medida em que possibilitam orientar adequadamente as práticas transformadoras (práxis). Esta articulação de teoria e prática de acordo com os critérios e valores alternativos corresponde [...] atuar a partir do bom senso, com prudência e reponsabilidade (Fals Borda, 2010).

O pensamento crítico possibilita uma autonomia solidária dos sujeitos, podendo-se afirmar que a educação a partir de paradigmas críticos deve fomentar comunidades de indagação e ação, com capacidade de assombro e curiosidade epistêmicos, sensíveis às problemáticas do contexto, com opções de futuro viáveis, autônomas, reflexivas, dialógicas e responsáveis.

A formação se dá a partir da ação: a educação popular é um processo de luta e de formação permanente e contribui para uma ação dialógica problematizadora, fortalecendo a prática pedagógica cotidiana dos/as educadores/as, através da reflexão sistemática da ação educativa e das discussões com o grupo de educadores/as.

O movimento de economia solidária é um ato educativo em si mesmo, isto é, seus integrantes se educam a partir da própria participação nas ações do movimento. Fazem-se sujeitos, transformam os conhecimentos que têm politizando-os, questionam as práticas e os valores estabelecidos buscando sua transformação, propondo alternativas para a exclusão social, visando uma sociedade mais justa e igualitária.

A construção de um projeto alternativo que tenha como um dos seus elementos a economia solidária e cujo processo de constituição seja norteado pela educação popular é um fenômeno possível de ser localizado em outras épocas.

Algumas indicações desta aproximação podem ser encontradas no trabalho desenvolvido em Natal, nos anos 1960, apresentado no livro “De pé no chão também se aprende a ler”. Góes (1980, p. 105) descreve como a campanha de mesmo nome que o livro promoveu primeiramente, a alfabetização de crianças e, na continuidade, de adultos, bem como alternativas de geração de renda.

O desemprego, o subemprego, a falta de qualificação profissional, as esperanças de desempregados, a Campanha terá aumentado os ganhos de muitos pais de família, colocando-os acima dos níveis marginais, ao oferecer uma iniciação profissional [...] Em 1964, já estavam redigidos os estatutos de uma cooperativa [...] era a saída, também, para o autofinanciamento da Campanha que, pelo fato de ter de comprar materiais diversos, já estava demonstrando ser bastante onerosa. Góes (1980, p. 105).

O autor finaliza o livro mostrando que a Campanha termina numa fase em que a profissionalização era a meta. Não a luta de classes ou a conscientização, mas a tentativa de buscar uma solução para aquela população que esperava os benefícios da industrialização, prometidos pela SUDENE, e que não chegaram ao Rio Grande do Norte, naqueles anos 60.

O golpe militar de 1964 vai abortar a campanha empreendida em Natal e outras tantas que vinham sendo promovidas por todo o Brasil, mas com concentração de ações no Nordeste, por vários agentes: Movimento de Alfabetização de Base (MEB), pelo Movimento de Cultura Popular (MCP), pelo Sistema Paulo Freire, Movimento Popular de Alfabetização, pelos Centros de Cultura Popular (CPC). Não se pode afirmar que, nos processos empenhados por estes projetos pedagógico-políticos, a questão da geração de trabalho e renda tenha

sido enfocada, mas há em todos eles a busca da libertação dos setores populares, que naquele momento tinha como enfoque a da leitura do mundo, através da alfabetização e da conscientização.

Durante a década de 80, havia entre os educadores populares e os teóricos desta proposta à expectativa de mudanças radicais e revolucionárias. Uma ruptura neste pensamento e um enfraquecimento da pedagogia de classes ocorrem com a queda do Muro de Berlim e as alterações no Leste Europeu, fomentando uma discussão sobre que rumos a tomar.

A educação popular, sensível e movida pelas demandas e para a libertação dos setores populares, se encontra com a economia solidária e busca construir alternativas ao modelo de desenvolvimento capitalista. Gadotti apud UMBELINO (2000, p. 36), observa que, a partir da década de 90, ocorreu certo redimensionamento das práticas de educação popular. Segundo este autor, há certo refluxo das práticas "mais centradas na conscientização ideológica e reivindicativa e uma maior vitalidade de experiências que tendam dar respostas a problemas concretos".

As concepções de educação popular em outras épocas estiveram na luta de fortalecimento e formação de movimentos populares, foram importantes atores durante a abertura política do País.

Uma das concepções que se fortalecem entre os educadores populares é a de "ver as realidades não mais reduzidas à ótica de classes, mas como possibilidades complexas de modos de produzir conhecimentos, modos de existir e de praticar" (SOETHE et al, 2001, p. 5).

Parece que, neste repensar a educação popular, ganha espaço, na prática, a geração de trabalho e renda, inclusive sendo o enfoque primordial das organizações de apoio popular.

No atual contexto, a sociedade neoliberal, homogeneizante, premida pela ditadura do capital, coloca à margem grande parcela da população.

Assim, superando a ótica utilitarista da educação neoliberal, que qualifica os trabalhadores para o mercado capitalista e para que se mantenha o status quo, a educação popular, que embasa os projetos pedagógicos das organizações de referência da economia solidária, tem como princípio básico:

A construção do sujeito político, capaz de transformar o mundo em que vive. O conhecimento é importante na medida em que serve para esta ação. Por isso, jamais pode ser apenas um conhecimento técnico, uma vez que o ser no mundo implica em tomar decisões e fazer opções de caráter político. (STRECK, 1996, p.61).

Se contrapondo a separação do trabalho intelectual e manual e a lógica capitalista de trabalho, a educação popular estimula que cada trabalhador articule conhecimentos práticos e científicos. Neste sentido, tanto a economia solidária como a educação popular têm como base a crítica à sociedade da exploração e no horizonte a sua transformação.

A concepção metodológica das práticas educativas da educação popular se funda num processo de construção do conhecimento que tem na prática o seu ponto de partida e, de certa forma, também de chegada. É teorizar sobre a prática e voltar a ela para transformá-la.

Freire e Shor (1986, p.102) resumem isto ao dizer que os educadores populares têm “uma pedagogia criativa, que procura reinventar o conhecimento situado nos temas, nas necessidades, na linguagem dos estudantes, como um ato de iluminação do poder da sociedade.” Dez anos depois, Freire (2001, p. 67) reafirma que seu combate, na educação popular, é “trabalhar com aqueles que ousam desafiar a fatalidade histórica imposta pelo pensamento neoliberal”, numa clara oposição à tese de Fukuyama (1992) de que a História acabou que o capitalismo e a democracia liberal atual são a única combinação possível e a melhor para as sociedades.

Ainda em relação à construção do conhecimento, destaca-se que se trata de um processo coletivo e não individual. Isto, no entanto, não significa que seja fruto de espontaneísmos e muito menos imposição de informações e saberes de uns sobre os demais.

A discussão, nesse sentido, é dirigida a partir da decisão assumida pelo grupo sobre questões relacionadas às suas práticas, desafios e necessidades imediatas, e de acordo com o momento histórico, ritmo, informações e conhecimentos de cada integrante.

Como afirma Azibei (apud UMBELINO, 2000, p. 45), ao escrever que “o ponto de partida não são certezas, verdades inquestionáveis, dogmas, receitas, mas algumas convicções a partir das quais se trabalha com a troca, o diálogo, abertura ao diferente e à mudança”.

Segundo Coraggio, (1996, p. 128)

“Que a educação popular hoje pode ser concebida como uma corrente educativa que engloba uma heterogênea comunidade de agentes que compartilham alguns princípios e métodos básicos aplicáveis e aplicados em geral à educação de adultos, e cuja população de referência são os setores mais despossuídos da sociedade. Esses agentes não estão necessariamente organizados em unidades e redes centradas na Educação popular, nem operam como uma força social autônoma, ao estilo dos movimentos sociais, em compartilhar um mesmo projeto político (nem sequer uma mesma concepção do poder), mas em geral podem caracterizar-se por advogar pelos interesses populares.”

O caráter emergencial das experiências de geração de trabalho e renda, que precisam ser viabilizadas no mercado capitalista, faz com que os trabalhadores necessitem de conhecimentos instrumentais.

Cabe refletir em que medida os processos de capacitação desenvolvidos apontam para a formação de sujeitos emancipados com um projeto coletivo alternativo. Na perspectiva da educação popular e da economia solidária, a emancipação dos setores populares pode ser construída tendo por base conhecimentos estratégicos (reflexão e questionamento da realidade, construção coletiva de outras formas de comercializar, produzir, gestionar e de desenvolver uma região). Por outro lado, a demanda imediata dos trabalhadores volta-se para os conhecimentos instrumentais. Ao que parece, há uma contradição entre os conhecimentos instrumentais e estratégicos que não está nos processos educativos, mas na economia solidária.

Sendo assim, a educação popular se caracteriza por educar na organização social e na participação política. Ela não se restringe a criticar a prática bancária, mas através da militância cria novas formas de organização social. A educação popular não é uma teoria a ser apreendida para, num momento posterior, ser aplicada. Ela se constrói na prática concreta de organização das classes populares na luta por criar e consolidar uma sociedade justa e solidária à luz dos direitos humanos. A organização e luta exigem participação e esta, por sua vez, insere as pessoas no exercício político da vida social.

Neste sentido, apresenta-se uma experiência de pesquisa-ação onde se aproxima da ES e EP.

## 2 METODOLOGIA DA PESQUISA

Esta parte foi dedicada a explicar a metodologia da pesquisa-ação aplicada na comunidade da cooperativa Sonho de Liberdade na Chácara Santa Luzia nº25 – Cidade Estrutural - DF, na qual o pesquisador utilizando da observação participante<sup>4</sup> artificial, busca interferir no objeto de estudo de forma cooperativa com os participantes da ação para resolver um problema e contribuir para base de conhecimento, se integrando ao grupo como se fizesse parte dele.

Na pesquisa-ação o termo pesquisa refere-se à produção do conhecimento e o termo ação, à uma modificação intencional de uma dada realidade. A pesquisa-ação é a produção de conhecimento guiada pela prática, com a modificação de uma dada realidade ocorrendo como parte do processo de pesquisa, neste método o conhecimento é produzido e a realidade modificada simultaneamente.

A pesquisa-ação, segundo a definição de Thiollent (1985, p.14):

“... é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com uma resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos do modo cooperativo ou participativo.”

Assim essa pesquisa utiliza-se desse método para mostrar a pertinência da ES e EP na jornada pedagógica.

A pesquisa-ação com abordagem qualitativa foi o método que atendeu as necessidades da prática com aproximações realizadas pelo Grupo de Trabalho (GTs) na comunidade Sonho de Liberdade, em que favorece a interação e a troca de experiência entre trabalhadores e pesquisadores de forma recíproca.

O ambiente na economia solidária possibilita a valorização e respeito à singularidade do trabalhador, o que permite o desenvolvimento da sua autonomia e o pleno exercício da cidadania. Promovendo o desenvolvimento social, através da geração de emprego e trabalho digno e solidário, e, conseqüentemente geração de renda aos trabalhadores, que começam a usufruir dos bens produzidos pela nação.

No intuito de colaborar com os princípios estabelecidos pelo Comitê de Ética

---

<sup>4</sup> In Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico. Porto Editora, 2003-2015

A Observação participante é uma técnica de investigação social em que o observador partilha, na medida em que as circunstâncias o permitam, as atividades, as ocasiões, os interesses e os afetos de um grupo de pessoas ou de uma comunidade.

da Universidade de Brasília, o nome da Cooperativa e de seus componentes foi autorizado, mediante a assinatura do termo de consentimento (APÊNDICE).

Os teóricos da pesquisa-ação propõem sua substituição pela “relatividade observacional” (Thiollent, 1985, p.98), segundo o qual a realidade não é fixa e o observador e seus instrumentos desempenham papel ativo na coleta, análise e interpretação de dados.

Seus teóricos associam a realidade à postura dialética que enfoca o problema da objetividade de maneira diversa do positivismo. A dialética procura captar os fenômenos históricos, caracterizados pelo constante devir, privilegiando o lado conflituoso da realidade social.

Desta forma, o relacionamento entre o pesquisador e o pesquisado não se dá como mera observação do primeiro pelo segundo, mas ambos “acabam se identificando, sobre tudo quando os objetos são sujeitos sociais também, o que permite desfazer a ideia de objeto que caberia somente em ciências naturais” (Demo, 1984, p. 115).

A pesquisa-ação com abordagem quantitativa se justifica pela realidade dos fatos a serem interpretados, e não quantificados, isto é, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes.

## 2.1 CONTEXTO DA PESQUISA

De acordo com a pesquisa realizada em 2014 pelo Instituto de Estudos Socioeconômicos (INESC-DF), a cidade estrutural está entre as cinco regiões mais violentas do Distrito Federal, de onde o maior índice de criminalidade se dá por jovens entre 16 a 24 anos de idade, com destaque para o tráfico de drogas.

Constata-se que tal situação ocorre nas camadas mais vulneráveis da cidade, onde há um predomínio de jovens que vivem à margem da inclusão social, com baixa escolaridade, desempregados, sem qualificação para o trabalho e sem condições para prover suas necessidades básicas.

A região apresenta elevados índices de maus tratos, abandono, conflitos familiares, drogas, marginalidade e mortalidade dos jovens por homicídios,

acentuada evasão escolar, falta de capacitação profissional e outros fatores que concorrem para privação social e fragilidade dos vínculos familiares e comunitários.

As famílias as margens da inclusão social, enfrentando verdadeiro processo de desagregação e sem condições de prover a manutenção e subsistência de seus dependentes.

Diante da alta vulnerabilidade apresentada e sem oportunidades para amenizar tal situação enveredam para prática não justificada da criminalidade o que os leva à morte ou o cumprimento de penalidades em conformidade com a Lei de Execução Penal; mesmo após o cumprimento das penalidades, fica a margem da sociedade, em geral e excluídos do mercado de trabalho.

Durante os encontros vinculou-se o processo educativo e gestor, inseridos na divulgação na Cooperativa. Os encontros foram ministrados as sextas-feiras e sábados de 09h00min as 12h00min.

A cooperativa, ou o sistema de cooperativismo é a doutrina que preconiza a colaboração e a associação de pessoas ou grupos com os mesmos interesses, a fim de obter vantagens comuns em suas atividades econômicas. O associativismo cooperativista tem por fundamento o progresso social da cooperação e do auxílio mútuo segundo o qual aqueles que se encontram na mesma situação desvantajosa de competição conseguem, pela soma de esforços, garantir a sobrevivência.

Cooperação, também cooperativa ou sociedade cooperativa indica em geral qualquer forma de trabalho em conjunto, em contraste com concorrência ou oposição. Em economia e história social o termo é empregado (como o adjetivo cooperativo) para descrever qualquer forma de organização social ou econômica que tem por base o trabalho harmônico em conjunto, em oposição à concorrência. (SILVA, 1986, p.232).

Uma associação de pessoas, usualmente com recursos limitados que se predispõem a trabalhar juntas e de forma contínua, possuem um ou mais interesses comuns e que, por estes motivos, formam uma organização democraticamente controlada, em que custos, riscos e benefícios são equitativamente divididos entre os membros. (VERHAGEN, 1984, *apud* PEREIRA et al., 2002, p.6).



A Cooperativa Sonho de Liberdade é um empreendimento econômico e solidário, que surgiu de grupo formado em 2005, com pessoas egressas do sistema penitenciário da PAPUDA no Distrito Federal.<sup>5</sup>

Fernando de Figueiredo é o idealizador da cooperativa, egresso aprendeu a fabricar bolas esportivas durante o período que cumpriu pena na Papuda. Assim que saiu do sistema penitenciário, este juntou alguns ex-presidiários e começou uma mobilização para a criação da cooperativa. Neste período inicial fabricava somente as bolas para seus sustentos. A partir de 2008 começou a trabalhar o reaproveitamento das madeiras oriundas da construção civil de Brasília e esta surgiu legalmente em 2009, com cooperados egressos do sistema carcerário do Distrito Federal e Entorno.

Atualmente esta composta por 60 pessoas, sendo 17 pessoas em liberdade provisória e em cumprimento de pena, mãe de presidiários em regime fechado e demais pessoas egressas e que gozam de liberdade.

A gestão administrativa é composta por um grupo formado por Fernando de Figueiredo, Rafaela Fernanda de Passos Figueiredo e Miguel Agostinho. A cooperativa surgiu operando inicialmente com uma fábrica de bolas esportivas, aprendizado oriundo do projeto Pintando Liberdade, desenvolvido pelo Ministério dos Esportes em sistema carcerário (Complexo da Papuda) e no decorrer do tempo e oportunidade de estar próximo do lixão, passa a triar e beneficiar madeiras da construção civil do DF. No momento atual a madeira é o maior rendimento auferido pelo grupo.

De acordo com o Plano de Negócios elaborado pelo SEBRAE, em agosto de 2012, a Cooperativa Sonho de Liberdade opera comercializando as madeiras trituradas com uma olaria de cerâmicas da cidade de Formosa, Goiás, com a venda aproximada de 2.000 m<sup>3</sup> cada unidade de consumo, perfazendo por mês o total aproximado, R\$ 80 000,00 (oitenta mil reais). Nas madeiras classificadas em grande volume, este tem como comprador máster a empresa de alimentos BUNGER S.A, situada na cidade de Luziânia, nas margens da BR 060. Ocorre também a comercialização de madeira bruta para a Cerâmica de Tijolos da cidade de Anápolis, embora em menor escala de material.

---

<sup>5</sup> Plano de Negócios Cooperativa sonho de Liberdade – SEBRAE-DF 2012

Os principais fornecedores de resíduos para a Cooperativa Sonho de Liberdade são os caçambeiros das empresas de remoção de entulhos. Operam depositando diariamente as madeiras na sede da cooperativa.

Os processos de triagem da madeira ocorrem da seguinte forma: Os caminhões das empresas de recolhimento de entulho por meio de caçambas de cinco m<sup>3</sup>, basicamente os associados da ASCOLES – Associação dos Coletores de Materiais da Construção Civil de Brasília, que fazem a descarga na cooperativa Sonho de Liberdade, trazendo as madeiras já pré-triadas e sendo remunerado por um valor simbólico de R\$ 5,00 a R\$ 10,00 por caçamba.

Posterior ao processo de descarga, estas passam por uma seleção manual, onde as melhores peças seguem para o beneficiamento e para construção civil (moradia) e para produção de madeiras sob medida e faixas publicitárias, outras para o contêiner de madeiras para energia e as demais para a máquina de beneficiamento e cisalhamento.

As madeiras para construção de moradias e beneficiamento passam por uma seleção e retirada de pregos e outros materiais prejudiciais aos processos de serragem e beneficiamento.

Todos os processos de recepção, pagamentos, seleção, beneficiamento, comercialização e recebimento são coordenados pelo senhor Fernando.

Localiza-se na cidade Estrutural, comunidade formada a partir do lixão da estrutural, depósito a céu aberto dos resíduos das Cidades Satélites e do Plano Piloto de Brasília. A ocupação para o trabalho se dá em uma área remanescente do Parque Nacional de Brasília com área aproximada de cinco hectares.

### **2.1.1 A ESTRUTURA ESPACIAL DA COOPERATIVA**

A cooperativa conta com uma cozinha comunitária que representa a sustentação e segurança alimentar do grupo de 60 pessoas, havendo o fornecimento diário de café da manhã (pão, manteiga, café), almoço (carne, arroz, feijão, salada, legumes,), café da tarde (idem) e jantar (idem ao almoço). Observando que no jantar é servido para 25 pessoas que residem no local ou opera dois turnos de trabalho.

A cozinha é gerida por três pessoas (Micheli, Bete, Laine), que preparam os alimentos, fazem o cozimento e servem os mesmos. Existiam doações esporádicas do programa Sesi (Mesa Brasil), doação de 20 cestas básicas de 15 kg, doadas pela empresa CD Engenharia e doações voluntárias diversas. A grande dificuldade existente é a descontinuidade de doação e consequentemente os processos de interrupção de fornecimento. Nas dependências da cooperativa são criados galinhas e porcos.

Funcionando como processo de restauração de poltronas e sofás achados no lixo, a Oficina de Sofá representa mais um setor da cooperativa.

As madeiras e espumas são oriundas dos processos de triagem dentro da própria cooperativa e apenas os tecidos são adquiridos em Taguatinga para completar os processos de restauração. Posterior à restauração e acabamento estes são comercializados na comunidade da estrutural.

O trabalho é realizado por um único cooperado Senhor Divino, que não possui capacidade produtiva de realizar muitos trabalhos por mês.

A Oficina de Bicicleta trata-se de um projeto originário da Universidade de Brasília, com apoio do Instituto Família Cidadã, onde foram realizados diversos cursos como serigrafia, oficina de bicicleta e marcenaria. Nestes cursos foram capacitados 30 adolescentes e adultos para tais atividades de geração de trabalho e renda. Não houve sequência de compra de ferramental, bem como não foi realizada uma ação de marketing para captação de negócios nestes campos de trabalho.

O setor Beneficiamento de Madeiras sob Medida é coordenado pelo Sr. Miguel e com auxílio de um grupo de 14 pessoas, sendo seis mulheres trabalhando na arrancação de pregos e as demais oito pessoas nas atividades de serragem, embalamento e outros pequenos serviços de agregação de valor.

Atende-se pedidos para produção de madeiras e ou sob medidas pré-estabelecidas pelos clientes, havendo uma ação de processamento e seleção, realizada pelo grupo. Os produtos deste grupo são venda de caibros, vigotas, madeiras aglomeradas (Madeirit), madeiras para faixas (0,80 m, 1,00 m, 1,20 m), variando de preços por maço de 50 unidades, sendo estes comercializados a R\$8,50, R\$10,00 e R\$12,50 respectivamente. Os caibros e demais materiais para construção civil são vendidos por metro linear, havendo um valor aproximado de 40% do valor da madeira comercializada nas lojas da região.

A remuneração deste grupo é realizada da seguinte forma: 50 % da receita bruta dos produtos comercializados ou diária de R\$50,00, agregado com o sistema de alimentação.

A cooperativa arca com os custos de reposição e manutenção dos equipamentos. As serras representam grande parte das despesas da cooperativa.

O setor Arranque de Pregos trata-se de uma atividade importante do ponto de vista da agregação de valor com uma equipe de oito mulheres, remuneradas com R\$ 30,00 por dia, trabalhando nos processos anterior da venda de caibros e vigotas, bem como nas madeiras sob medidas. Esse processo resulta em diminuição dos gastos com manutenção e compra das serras para as circulares.

Existe o setor de Madeiras para Energia posterior a seleção e triagem das madeiras descarregadas na cooperativa, estas são deixadas no chão e em seguida carregadas para os caminhões de carga de carroceria e para os caminhões dotados de contêiner com 12 m<sup>3</sup>, para serem transportadas para a empresa BUNGER ALIMENTOS, localizada a 100 km de Brasília, na cidade de Luziânia/GO.

A produção de janeiro de 2012 entregue a empresa BUNGER, acordo com o Plano de Negócios elaborado pelo SEBRAE, foi de 530 toneladas, comercializadas ao valor de R\$ 100,00 por toneladas, livre de frete. O frete é pago pela empresa compradora. A demanda existente é de 700 toneladas por mês somente para este cliente, além de padarias, empresas de laticínios e frigoríficos, empresas de cerâmicas, fornos de autoclavagem, etc. Os materiais comercializados são pallets, caibros, vigotas, pontas de Madeirit, etc. As madeiras enviadas para essa demanda são madeiras sem qualquer aproveitamento mais nobre nos demais setores.

As madeiras de faixas e os tecidos apreendidos pelo GDF são levados para a cooperativa para reaproveitamento. Este trabalho de seleção e carregamento é realizado por quatro equipes, assim descrito:

A Equipe do Dirceu é composta pela coordenação do Dirceu e mais oito pessoas, que fazem o trabalho de selecionar e carregar no caminhão, capacidade de 10 toneladas. O valor de cada operador deste processo é 50 % para a cooperativa e restante para o grupo operador.

A Equipe do Lauro é composta pela coordenação do Lauro e mais quatro pessoas, que fazem o trabalho de selecionar e carregar no caminhão contêiner, capacidade de 10 toneladas. O valor de cada operador deste processo é de R\$

40,00 por tonelada, divida por quatro operadores, sendo R\$ 10,00 por tonelada cada, R\$ 60,00 restante na venda vai para o caixa da cooperativa.

A Equipe do BINHO é composta pela coordenação do Binho e mais quatro pessoas, que fazem o trabalho de selecionar e carregar no caminhão contêiner, capacidade de 10 toneladas. O valor de cada operador deste processo é de R\$ 40,00 por tonelada, divida por quatro operadores, sendo R\$ 10,00 por tonelada cada, R\$ 60,00 restante na venda vai para o caixa da cooperativa.

A Equipe do Charles é composta pela coordenação do Lauro e mais quatro pessoas, que fazem o trabalho de selecionar e carregar no caminhão contêiner, capacidade de 10 toneladas. O valor de cada operador deste processo é de R\$ 40,00 por tonelada, divida por quatro operadores, sendo R\$ 10,00 por tonelada cada, R\$ 60,00 restante na venda vai para o caixa da cooperativa.

A Máquina de Cisalhamento processa a madeira com até 0,40 cm de largura, podendo beneficiar até 30 toneladas por dia, atualmente esta máquina processa 20 toneladas, trabalhando de forma alternada e sem produção contínua. Foram investidos em uma área coberta de 120 m<sup>2</sup> com possibilidade de ampliação em igual tamanho, cujo material já foi adquirido pela cooperativa.

Nos processos de triagem para energia, ocorre uma falta de cuidado na seleção realizada, pois se constata que materiais de maior valor agregado estão sendo levados para a produção de energia, destinada a alimentar caldeiras para secagem de grãos, causando uma sangria nos valores auferidos nos demais processos.

## 2.2 SUJEITOS DA PESQUISA

São 60 pessoas (cooperados), sendo oito mulheres e 52 homens. Todos egressos ou apenados do sistema penitenciário da Papuda, no Distrito Federal.

Trata-se de um grupo organizado em 2005 e que sobrevivem reaproveitando madeiras da construção Civil, são pessoas discriminadas pela sociedade, com dificuldade de obtenção de emprego formal e que não possuem referencia familiar na região do DF.

A equipe de gestão do Sonho de Liberdade é composta por Fernando de Figueiredo, Rafaela Fernanda de Passos Figueiredo e Miguel Agostinho. Sua diretoria é composta por pastores de igrejas evangélicas e voluntários da ação

carcerária, que fazem a representação legal da mesma. A gestão operacional é realizada basicamente por três pessoas:

Fernando de Figueiredo – Coordenação Geral do Grupo; Miguel Agostinho Moura Filho - Coordenação operacional de manipulação e comercialização de madeiras; Rafaela Fernanda de Passos Figueiredo – Coordenação administrativa e financeira do empreendimento.

Rafaela atualmente responde pela presidência da Cooperativa Sonho de Liberdade.

## 2.3 ETAPAS DA PESQUISA-AÇÃO

### 2.3.1 PLANEJAMENTO

A pesquisa tem como objetivo a aplicação dos conceitos estudados no projeto IV sobre a Economia Solidária e Educação Popular de maneira a assistir, analisar e fomentar práticas de desenvolvimento na cooperativa Sonho de Liberdade em contraposição à lógica do capitalismo e do mercado excludente.

A fundamentação teórica parte da visão crítica da existente, na qual se buscou um mapeamento da literatura existente dentro da temática.

Embasando-se nas ideias de Paulo Freire, Tiriba, Nascimento e Paludo, a proposta parte do objetivo em conhecer, analisar, diagnosticar e superar dificuldades, enfatizando a pedagogia da autogestão, a emancipação do indivíduo e a construção de sua criticidade.

Segundo Yin (2005) considera que a definição da unidade de análise esta relacionada está relacionada à maneira como as questões iniciais da pesquisa foram definidas.

O espaço misto da cooperativa ficou definido como unidade de análise pelos pesquisadores envolvidos, a ocasionar variados tipos de propostas e critérios, pelos Grupos de Trabalho (GTs) em que foram formados.

Yin 2005 sugere discutir esses critérios com outros pesquisadores, de forma a evitar a seleção incorreta da unidade de análise.

O planejamento da pesquisa-ação envolve a definição das técnicas a serem empregadas na coleta de dados. A combinação e uso de diferentes técnicas favorece a validação da pesquisa.

Woodside e Wilson (2003) afirmam que:

“a triangulação frequentemente inclui: observação participante do pesquisador no ambiente da pesquisa, sondagens através de questionamento dos participantes quanto a explicações e interpretações dos dados operacionais e análise de documentos escritos e dos locais integrantes do ambiente da unidade de análise estudada.”

Segundo Thiollent (2007), as principais técnicas utilizadas são a entrevista coletiva nos locais de trabalho e a entrevista individual aplicada de modo aprofundado. Ao lado dessas técnicas também são utilizados questionários convencionais que são aplicáveis em maior escala. No que diz respeito à informação já existente, diversas técnicas documentais permitem resgatar e analisar o conteúdo de arquivos internos da organização estudada.

Entretanto, na pesquisa-ação a técnica mais empregada é a observação participante. Segundo Marconi e Lakatos (2006), consiste na participação ou interação real do pesquisador com a comunidade ou grupo. O pesquisador se incorpora ao grupo e exerce influência sobre ele.

O objetivo principal seria ganhar a confiança do grupo e fazer os indivíduos compreenderem a importância da investigação, sem ocultar o seu objetivo ou missão.

Quanto à técnica de coleta de dados a observação participante foi a mais empregada pelos Grupos de Trabalho, seguida pela entrevista individual devido a grande dificuldade de reuni-los em grande grupos devido estarem constantemente envolvidos com as atividades da cooperativa.

### **2.3.2 CONTEXTO E PROPOSITO DA PESQUISA**

Ainda como planejamento, ao definir o contexto e o propósito da pesquisa se buscar a racionalidade para ação e para pesquisa dentro da Cooperativa Sonho de Liberdade, dentro de uma análise diagnóstica elementar em nosso primeiro encontro junto ao responsável pela cooperativa Senhor Fernando e o Coordenador Senhor César, as diretrizes de acordo com as necessidades da cooperativa e dos cooperados.

Ficaram acertados neste primeiro encontro como finalidade, a intervenção na

alfabetização dos trabalhadores e o auxílio à contabilidade da cooperativa, já que a parte financeira se encontrava no vermelho como nos foi relatado neste encontro.

Thiollent (2007) considera esta etapa exploratória, consistindo em descobrir o campo de pesquisa, os interessados e suas expectativas e em estabelecer um primeiro diagnóstico da situação, dos problemas prioritários e de eventuais ações.

Após o levantamento de todas as informações iniciais, os pesquisadores e os participantes estabelecem os principais objetivos da pesquisa. Os objetivos dizem respeito aos problemas considerados prioritários, ao campo de observação, aos atores e ao tipo de ação que serão focalizados no processo de investigação.

Na mesma semana, fruto da discórdia com o Senhor Fernando, tomamos conhecimento da saída da cooperativa do senhor César. O que evidenciou o conflito de interesses existente na cooperativa.

Thiollent (2007) afirma que o tema da pesquisa é a designação do problema (científico e prático) e da área de conhecimento a serem abordados. O tema deve ser definido de modo simples e sugerir os problemas e o enfoque que serão selecionados. Na pesquisa-ação, a definição do tema e seu desdobramento em problemas a serem detalhadamente pesquisados são realizados a partir de um processo de discussão com os participantes. Quando um primeiro problema se revelar inviável a curto prazo, é bom delimitá-lo melhor para viabilizar sua abordagem dentro de um prazo factível.

Na pesquisa científica, o problema ideal pode remeter à constatação de um fato real não adequadamente explicado pelo conhecimento disponível, gerando lacunas no conhecimento específico sobre o tema. Trata-se de procurar soluções para chegar a um objetivo ou realizar uma possível transformação dentro da situação observada (THIOLLENT, 2007).

Diante deste panorama em análise inicial, a Cooperativa sonho de liberdade apresentava uma liderança consentida na figura de seu coordenador, que geria o capital produzido a partir de seu próprio modelo de gestão.

A partir desse fato novo a pesquisa tomava um novo formato, sem abandonar o que ficou decidido no encontro, mais dando ênfase em que seria discutir esse modelo de gestão e seus reflexos.

Apontado como solução, a autogestão e a emancipação de seus cooperados a partir de uma visão crítica e libertadora, que para Freire, é que os homens se “sintam sujeitos de seu pensar, discutindo o seu pensar, sua própria visão de



mundo, manifestada implícita ou explicitamente, nas suas sugestões e nas de seus companheiros”. (FREIRE, 1981, p. 141).

### **2.3.3 COLETA DE DADOS**

Os dados foram coletados de acordo com cada contexto vivenciado pelos grupos de trabalho, pela observação participante e entrevista individual e informal.

Coughlan e Coughlan (2002) consideram que, para o pesquisador, a obtenção dos dados acontece no envolvimento ativo no dia a dia dos processos organizacionais relacionados com o projeto de pesquisa-ação.

Os dados não são obtidos apenas com a participação e observação das equipes no trabalho, dos problemas sendo resolvidos, das decisões tomadas, mas também por meio de intervenções feitas para fazer avançar o projeto de pesquisa. Algumas dessas observações e intervenções são realizadas de maneira formal, por meio de reuniões e entrevistas; muitas são realizadas de maneira informal, durante o cafezinho, jantar ou atividades recreativas.

Os dados foram coletados e registrados em diários de bordo (anexo) e analisados muitos deles em reuniões à distância através de um aplicativo celular.

Algumas vezes o pesquisador coleta os dados e faz o relatório, outras a própria organização coleta os dados e o pesquisador facilita ou participa das reuniões de alimentação (COUGHLAN; COGHLAN, 2002). Essas reuniões ocorrem durante o ciclo de melhoria e aprendizagem.

O aspecto crítico da análise de dados na pesquisa-ação se dá a nível colaborativo, na qual os membros da cooperativa deveriam participar e fazer junto com todo grupo. Esta abordagem colaborativa é baseada na suposição de que os trabalhadores conhecem melhor a cooperativa e sabem o que irá funcionar, e principalmente serão aqueles que irão participar e acompanhar a implementação das ações, além de fomentar o sentimento de pertencimento. Portanto seu envolvimento na análise é crucial.

Os critérios e as ferramentas de análise precisam ser discutidos e, em última instância, estar diretamente ligados ao propósito da pesquisa e ao âmago das intervenções.

Nos problemas do dia a dia da cooperativa buscou-se que a análise dos dados relacionados ao problema de pesquisa, que aponta uma lacuna teórica ou empírica, fosse conduzida pelos coordenadores, pelo conhecimento do método

científico, cuja análise pode posteriormente ser compartilhada com os demais integrantes do grupo.

Como um dos objetivos da pesquisa-ação compreende a resolução um problema prático, o final da etapa de análise de dados se deu com a elaboração e documentação de um plano de ação.

Este plano deveria incluir todas as recomendações para a solução do problema, bem como indicar os responsáveis pela sua implantação e o prazo dela. As recomendações deveriam ser elaboradas e registradas de maneira conjunta pelos pesquisadores e pelos participantes da cooperativa.

Coughlan e Coughlan (2002) consideram que o plano de ação necessita responder a algumas questões-chave: O que precisa mudar? Em que partes da organização? Que tipos de mudanças são necessárias? Que tipo de apoio é necessário? Como é o compromisso a ser formalizado? Qual é a resistência a ser gerenciada? Para esses autores, essas questões são críticas e necessitam ser respondidas como parte do plano de mudança.

#### **2.3.4 IMPLEMENTANDO O PLANO DE AÇÃO**

Nesta etapa os participantes da pesquisa na cooperativa buscaram implementar o plano de ação.

Segundo Thiollent (2007), a ação corresponde ao que precisa ser feito (ou transformado) para realizar a solução de um determinado problema, visando ainda refinar ou estender a teoria pesquisada, uma vez que os métodos qualitativos contribuem pouco na geração de novas teorias.

Para Coughlan e Coughlan (2002), os planos devem ser implantados de forma colaborativa com os membros-chave da organização.

Durante a implementação do plano de ação buscou-se concentrar as ações dos Grupos de trabalho nos membros chaves da cooperativa. A cooperativa com um todo com o senhor Fernando de Figueiredo o seu idealizador, a responsável pela Lanchonete a senhora Rafaela Fernanda de Passos Figueiredo, O Sr Dirceu responsável pela horta e da criação de aves e suínos e o senhor Cristiano cooperado participante em diversas reuniões.

Em aproximadamente 12 ações de campo buscou-se discutir, planejar e programar o plano de ação com o objetivo de fomentar nos indivíduos da cooperativa os ideais da autogestão, emancipação e criticidade.

As metas seriam ter acesso às contas da cooperativa e verificar uma forma de retirar a cooperativa do vermelho, como ficou acertado em nosso primeiro encontro.

Revitalizar o espaço da lanchonete, com sugestões de melhorias da higiene e da alimentação, e o ajuste de seu livro caixa.

A criação de um espaço de convivência (sala de aula) no galpão para reunir adultos e crianças para criação de grupos de alfabetização.

Sempre evasivo quanto aos apelos dos alunos pesquisadores, o senhor Fernando nunca disponibilizou as contas da Cooperativa Sonho de Liberdade, para que se pudesse fazer uma análise.

Em entrevistas individuais com os cooperados era comum ouvir desses trabalhadores o desejo de conseguir uma parceria assistencialista com o governo, devido a incerteza que o mercado traz para as famílias da cooperativa.

Nas primeiras ações concretas na cooperativa buscou-se um espaço no galpão para implantar a sala de convivência, mas foram grandes as dificuldades para se remover o entulho do local, e a falta do apoio do coordenador da cooperativa em fazê-lo e deixar fazer, devido à importância para ele do material ali guardado.

O grupo optou por um espaço menor, no mesmo galpão onde foram realizadas limpeza e pintura, deste espaço, pelos alunos pesquisadores. Com esse espaço pronto foi possível idealizar, as mudanças para que pudesse atender a cooperativa e os alunos educadores.

Com recursos próprios os alunos pesquisadores promoveram uma festa para as crianças da comunidade, alusivo ao Dia das Crianças, com brincadeiras, brindes, cachorro-quente, pipoca e refrigerante, o que se tornou um dia bem agradável para as crianças que moram na comunidade.

Na sala de convivência elaboramos pequenos trabalhos com as crianças e desenhos, mas não conseguimos atingir o público adulto. Mesmo que nossos encontros definidos pelo coordenador pela manhã as sextas e aos sábados dificilmente largavam o trabalho pois eram meses que antecediam as eleições e o serviço nos galpões não paravam, além da serralheria e a fábrica de meio fio de concreto.

A lanchonete sobre coordenação da senhora Rafaela, teoricamente sempre acatou as ideias quanto a sua melhoria e dos produtos oferecidos, a arrecadação e o fluxo de caixa do recinto.

Com o objetivo de melhorar os lucros da lanchonete, ficou acertado da coordenadora apresentar o livro caixa para análise pelos alunos pesquisadores da contabilidade, tecer orientações quanto ao registro do recito e a busca de melhores alternativas para menor tributação, e as vantagens de um pequeno empreendedor.

Nos próximos encontros, ela não nos apresentou o livro caixa, e até então não tinha dados relevantes sobre o faturamento total, numero de funcionários fixos, o que dificultou pensar melhorias para o estabelecimento.

Porém, foi explicado a ela que para abrir determinado tipo de empresa MEI (microempreendedor individual) existia um processo mais facilitado que poderia ser feito pela internet, não sendo necessária a presença de um contador registrado. Nesse tipo de empresa ela poderia ter ate dois funcionários registrados recebendo um salário mínimo ou o piso da categoria.

Esse tipo de empresa tem impostos reduzidos e facilidade na forma de pagamento. Entretanto para abrir esse tipo de empresa o faturamento total anual tem que ser igual ou inferior a 60.000 por ano, e se a empresa dela estivesse com faturamento superior a isso era melhor optar por outro tipo de empresa (no caso a microempresa), sendo necessária a presença de um contador registrado para resolver todos os transmits da lei para a lanchonete começar a funcionar.

Conversamos com ela também sobre a importância de legalizar a situação dos funcionários que trabalham lá, colocar a Irmã (funcionária) como sócia e distribuir os lucros.

### **2.3.5 ANÁLISES DAS AÇÕES**

A proposta inicial deste trabalho era verificar a presença das características estudadas em Economia Solidária, como a autogestão, a emancipação, a solidariedade e a viabilidade econômica de maneira a atender a comunidade da cooperativa de Sonho de Liberdade.

Westbrook (1995) considera que na pesquisa-ação o processo de pesquisa necessita ser proativamente gerenciado. Para ele, a qualidade dos resultados pode depender tanto da gestão do projeto de pesquisa quanto do

próprio projeto de pesquisa ou da análise dos resultados. Portanto, a avaliação dos resultados deve ter como base os objetivos da pesquisa (científico e técnico) e as proposições estabelecidas no início da pesquisa.

Durante os encontros vinculamos o processo educativo e gestor, inseridos na divulgação na Cooperativa. Os encontros foram ministrados as sextas-feiras e sábados a partir das 09h00min horas na Cooperativa Sonho de Liberdade na Cidade Estrutural.

Dividimos o GT (grupo de trabalho) em sub-GT's, onde cada grupo ficou responsável por elaborar as atividades dos encontros semanais, desenvolvendo as seguintes atividades: preparação de ambiente pedagógico com intuito de fomentar o sentimento de pertencimento na comunidade, auxiliar a comunidade em relação à parte financeira e criação de uma horta para própria subsistência da comunidade.

No encerramento dos encontros tivemos dificuldades em concluir o planejamento em virtude da própria visão da presidente da cooperativa e de seu coordenador em manter o que foi combinado em nossa primeira visita a cooperativa.

### **2.3.6 AS AÇÕES EM CAMPO**

Logo após a definição do campo de atuação, os encontros inicialmente foram realizados aos sábados na Faculdade de Educação – UnB, por alunos da Pedagogia, Contabilidade, Ciências Naturais, Agronomia e outros. Nesses encontros houve o amadurecimento das ideias a serem aplicadas e a definição de uma forma de nos mantermos em contato em tempo real de forma fácil e segura.

A utilização do aplicativo watts-app para celulares foi de grande valia para troca de informações e controle de pessoal, pois mesmo à distância permanecíamos unidos na troca de informações e sugestões.

Coughlan e Coughlan (2002) consideram que a avaliação envolve uma reflexão sobre os resultados da ação, tanto intencionais quanto não intencionais, e uma revisão do processo, para que o próximo ciclo de planejamento e ação possa beneficiar-se do ciclo completado. A avaliação é a chave para o aprendizado. Sem ela as ações são implementadas ao acaso, independentemente de sucesso ou fracasso, e assim erros tendem a se proliferar, gerando um aumento da ineficácia e da frustração.

As principais ações foram registradas em diários de bordo, registro das visitas, que buscaram sintetizar o desenvolvimento do projeto e o comportamento da comunidade com a presença dos alunos pesquisadores.

### **2.3.7 RESULTADOS**

A cooperativa sonho de liberdade é um ambiente favorável para a intervenção do projeto de Economia Solidária, mas falta se configurar como organização autogestionárias de grupos populares, onde a propriedade dos meios de produção é coletiva, integrando dimensões econômica, social e política para ser considerada uma cooperativa.

Outra característica que se pode destacar derivada do próprio cooperativismo, que não se faz presente em Sonho de Liberdade foi a propriedade coletiva dos meios de produção presente nas cooperativas populares. A autogestão sem a propriedade coletiva dos meios de produção deixa de ser uma forma de organizar o trabalho para se tornar uma mera concessão dos proprietários destes meios de produção.

Para Singer (2003) existem dois tipos de cooperativa: de um lado, a autêntica, que é socialista, igualitária, solidária e democrática, onde a igualdade faz sentido e, de outro lado, cooperativas de visão essencialmente capitalista, como as agrícolas onde grandes fazendeiros exploram pequenos proprietários.

Observa-se que a cooperativa segue um sistema capitalista, na qual existe um sistema de distribuição de lucro desigual entre trabalhadores e seu coordenador, o que fere uma das bases da Economia Solidária no que se trata de autogestão.

Houve por diversas vezes resistência por parte da cooperativa em aceitar ou sugerir, uma melhor atuação da parte dos alunos pesquisadores, anestesiando por diversas vezes as ações no campo e dentro do próprio planejamento nas atividades.

O ambiente de trabalho na cooperativa é muito amplo e oferece muitas oportunidades para qualquer pessoa que quiser engajar no trabalho, e deveria ser mais amplo se abrangesse toda comunidade adjacente. Entende-se assim, que a cooperativa não contempla beneficemente a comunidade que os cerca.

Parece-nos que outro fator que inviabilizou o sucesso do projeto desenvolvido pelos alunos em Sonho de Liberdade foi o assistencialismo. Que por diversas vezes se faz presente dentro da comunidade, promovido por diversas instituições do governo e religiosas, esse assistencialismo dificulta e compromete qualquer tipo de emancipação do sujeito, anulando matado a criticidade dos trabalhadores e os tornando definitivamente analfabetos funcionais.

É preciso perceber que além de se beneficiarem com os trabalhos ali oferecidos, eles devem se engajar no trabalho para fortalecer o ambiente e construir um ciclo que renovará as forças de trabalho.

Portanto, com solidariedade, cooperação, autogestão e proteção aos ecossistemas terão mais motivação para o trabalho e, conseqüentemente, geração de renda possibilitando qualidade de vida.

### 3- CONSIDERAÇÕES FINAIS

O diálogo entre o educador e a educadora popular e as classes populares vai tecendo a teia entre a ação e a reflexão, possibilitando a troca de significados e o aprofundamento na compreensão dos elementos constitutivos da realidade, oportunizando a reconstituição simbólica do real, permitindo a construção de significados comuns, o aprofundamento da solidariedade e a elaboração de alternativas para a superação das compreensões fatalísticas a respeito do que se passa na vida cotidiana.

A proposta inicial deste trabalho não foi só promover o diálogo entre a Cooperativa Sonho de Liberdade e a Economia Solidária partindo com base na Educação Popular, mas sim também, como verificar a viabilidade do projeto de Economia Solidária em toda comunidade.

Ao longo deste trabalho, pôde-se observar que o objetivo não foi atingido, tendo em vista os problemas ocorridos no percurso da pesquisa e devido a novas descobertas. Descobertas estas, consideradas como pontos fracos que contribuíram para esse diagnóstico que são: A Falta de conhecimento em cooperativismo; falta de organização interna dos processos; sistema de Lay Out desordenado; individualismo nos grupos; falta de reconhecimento por parte do poder público; falta de entrosamento entre grupos, para melhoria dos processos de seleção e triagem dos materiais; ausência de divisão de tarefas por grupos da cooperativa; falta de reuniões informativas; gestão centralizada em poucas pessoas, havendo sobrecarga de tarefas; ausência da cotização dos alimentos e ausência de divisão das responsabilidades maiores da cooperativa.

Com base nas conclusões tiradas o diálogo entre duas práticas dialógicas, a economia solidária e a educação popular, atravessada pelos mesmos valores éticos e políticos, mas também por uma cumplicidade estreita em relação a seus objetivos somados a alguns pontos fortes da cooperativa tais como: A União de grupo; religiosidade; comprometimento; ausência de preconceito entre ex-presidiários; a força de vontade; crescimento espiritual do grupo pós-sistema prisional e a comunidade interna inserida no processo. Levaria a economia solidária em Sonho de Liberdade a construir conhecimento suficiente viabilizando-se como alternativa econômica, somados a educação popular apontando de forma precisa para ações



concretas que permitam aos setores populares experimentarem práticas autônomas de inserção social.

Cabe refletir em que medida os processos de capacitação desenvolvidos apontaria para a formação de sujeitos emancipados com um projeto coletivo alternativo.

Na perspectiva da educação popular e da economia solidária, a emancipação dos setores populares pode ser construída tendo por base conhecimentos estratégicos, reflexão, questionamento da realidade, construção coletiva de outras formas de comercializar, produzir, gestionar e de desenvolver uma região. Por outro lado, a demanda imediata dos trabalhadores volta-se para os conhecimentos instrumentais. Ao que parece, há uma contradição entre os conhecimentos instrumentais e estratégicos que não está nos processos educativos, mas na economia solidária.

Desta forma, a educação popular se caracteriza por educar na organização social e na participação política. Ela não se restringe a criticar a prática bancária, mas através da militância cria novas formas de organização social.

A educação popular não é uma teoria a ser apreendida para, num momento posterior, ser aplicada. Ela se constrói na prática concreta de organização das classes populares na luta por criar e consolidar uma sociedade justa e solidária à luz dos direitos humanos. A organização e a luta exigem a participação, e esta por sua vez insere as pessoas no exercício político da vida social.

Sendo assim, a questão da dimensão política destes empreendimentos populares é uma possibilidade concreta de emancipação, de assunção de responsabilidades e participação direta nos resultados, onde os próprios cooperados podem se perceber como protagonistas de sua própria história, deixando de lado uma postura de “espera de ajuda” e assumindo outra atitude mais proativa e independente.

### **PARTE III: PERSPECTIVAS FUTURAS**

## PERSPECTIVAS FUTURAS

Durante minha vida as mudanças aconteceram muito rápidas e de forma imprevisível. O início, como já relatado em meu memorial, foi a saída de casa aos dezessete anos e a interrupção dos estudos em função da necessidade do trabalho. Passando pela retomada e o ingresso no ensino superior no Amazonas.

Ao mesmo tempo em que alimento esta expectativa pelo novo, cresce em mim o sentimento de mais uma etapa cumprida da minha vida. Minha trajetória de vida aponta para um fato: sem educação é difícil viver com qualidade. Para que haja educação de qualidade são necessários profissionais comprometidos e bem formados.

O professor é um dos profissionais que mais influencia a educação formal de uma pessoa, portanto ele precisa ter convicção de que seu trabalho pode ajudar muito na formação integral do estudante. Quando o professor tem a clareza de seu papel na sociedade ele consegue desenvolver um trabalho sério e transformador

Ao longo desta trajetória foi possível relembrar a paixão, sentimento gratificante de estar contribuindo para o desenvolvimento de outro ser, já experienciados por mim durante as fases como instrutor na vida militar.

Acredito que, o que move o ser humano rumo ao sucesso é a paixão, que aquece o coração e potencializa seus empreendimentos, pois não é possível lograr êxito em projetos sem comprometimento e dedicação, virtudes essas que acompanham a vocação. Em suma acredito que não exista docência sem amor, sem dádiva, sem fraternidade, sem o respeito ao próximo.

A tratar sobre a Educação Popular e a Economia Solidária fomentaram em mim o desejo da transformação do trabalhador, do aprendiz, do aluno em que se aposta no seu crescimento pessoal e político.

No decorrer desse trabalho conheci muitas pessoas, e como toda descoberta e aprendizado, essas pessoas me brindaram com seus saberes e complementaram minha formação, assim como cita Paulo Freire “ninguém educa ninguém, as pessoas se educam em comunhão”.

Desejo ser um educador, um pesquisador das diversas faces da Educação Popular que transforme realidades e que contribua o máximo para que o aluno tenha uma vida digna.

Tenho várias pretensões na área da educação e desejo alcançar meus objetivos, ciente de que esse é o primeiro passo de uma nova jornada e que naturalmente irei enfrentar como educador muitas dificuldades, mas não deixo de acreditar, ter fé e esperança na educação.

Respeitar cada educando com seus saberes e experiências dentro e fora da escola, com essa mesma fé e esperança. Devendo estas, representar a força motriz rumo ao objetivo, pretendo atuar também sempre disseminando as sementes da ES e as bases da EP, e que os momentos de dificuldade sirvam de aprendizado e cada conquista sirva de incentivo para novas descobertas e novos sonhos.

## REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre - Razões Práticas Sobre a Teoria da Ação. Campinas: Ed. Papirus, 1996.

CORAGGIO, José Luis. Desenvolvimento Humano e Educação. São Paulo: Cortez ;Instituto Paulo Freire,1996.

COUGHLAN, P.; COGHLAN, D. Action research for operations management. International Journal of Operations & Production Management, v. 22, n. 2, p. 220-240, 2002. <http://dx.doi.org/10.1108/01443570210417515>

DEMO, P. Elementos Metodológicos da Pesquisa Participante In BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org) Repensando a Pesquisa Participante. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984. 252 p.

FALS BORDA, Orlando. Da Pedagogia do Oprimido à Pesquisa Participativa. in STRECK, Danilo R. (ed.). Fontes da Pedagogia Latino-americana: Uma Antologia. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. P. 370-375.

FREIRE, Paulo. A Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981 p141-145.

\_\_\_\_. Conscientização. Teoria e Prática da Libertação. Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo, SP: Centauro, (2001).

\_\_\_\_. Educação como Prática da Liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976

\_\_\_\_. Educação e Mudança. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979

\_\_\_\_. Extensão ou Comunicação? Rio de Janeiro: Paz e Terra, 4.Ed. 1979 p.27

in Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2015. [consult. 2015-05-11 00:26:37]. Disponível na Internet: [http://www.infopedia.pt/\\$observacao-participante](http://www.infopedia.pt/$observacao-participante)

\_\_\_\_\_. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*-21ª Edição- São Paulo. Editora Paz e Terra, 2002.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia dos Sonhos Possíveis*. São Paulo: UNESP, 2001

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. *Medo e Ousadia*. 10.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

GOES, Moacyr de. *De pé no chão também se aprende a ler: 1961 -64: uma escola democrática*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

LIPMAN, Mathew. *Como nasceu a Filosofia para Crianças*. In: KOHAN, Walter Omar. *Filosofia para Crianças—A tentativa Pioneira de Mathew Lipman*. Petrópolis: Vozes, 1998

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. V. *Fundamentos de Metodologia Científica*. 6. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2006.

MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO. Secretaria de Economia Solidária. II Oficina Nacional de Formação/ Educação em Economia Solidária. Brasília, 2007

NASCIMENTO, Cláudio. *Experimentação/autogestionária: autogestão da pedagogia/pedagogia da autogestão*. In: BATISTA, Eraldo Leme; NOVAES, Henrique (Orgs.). *Trabalho, educação e reprodução social: as contradições do capital no século XXI*. Bauru, SP: Canal 6, 2011. p. 107-132.

PALUDO, Conceição. *Educação Popular –dialogando com Redes Latino-Americanas (2002-2003)*. In: PONTUAL, Pedro; IRELAND, Timothy (Orgs.). *Educação Popular na América Latina: diálogos e perspectivas*. Brasília: Ministério da Educação / UNESCO, 2006, p. 41-61.

PEREIRA, J. R. et al. *Organização da sociedade através das cooperativas de trabalho: abordagem dos problemas e perspectivas: relatório final de pesquisa – FAPEMIG*. Viçosa: UFV, 2002.

SEBRAE-DF - *Plano de Negócios Cooperativa Sonho de Liberdade –2012*

SILVA, B. *Dicionário de ciências sociais*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1986.

SINGER, P. Economia solidária: possibilidades e desafios. Revista Proposta: trabalho e desenvolvimento humano. ano 30, n. 88-89, p.15-23, mar./ago., 2003.

\_\_\_\_\_. Introdução à Economia Solidária. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.

SOETHE, José Renato et al. Vale do Sinos: resgate histórico e visão popular do desenvolvimento. Cadernos CEDOPE. São Leopoldo: UNISINOS, 2001.

STRECK, Danilo. O que, afinal, é básico na educação básica? In: \_\_\_\_\_. Educação básica e o básico na educação. Porto Alegre: Sulina/Unisinos, 1996. p.9-32.

THIOLLENT, M. Metodologia da pesquisa-ação. 15. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

\_\_\_\_\_. Metodologia da Pesquisa-Ação. São Paulo: Cortez, 1985

TIRIBA, Lia. Cultura do trabalho, autogestão e formação de trabalhadores associados na produção: questões de pesquisa. Artigo publicado em Perspectiva – Revista do Centro de Ciências da Educação/UFSC, n. 27, vol.26, n.1, jan/jun. Florianópolis. 2008.

\_\_\_\_\_. Cultura do trabalho, produção associada e produção de saberes. Educação Unisinos, São Leopoldo, v. 10, n. 2, p. 116-122, 2006.

ULBURGHS, Jef. “Pour une Pédagogie de l’Autogestion”. Manuel de l’Animateur de Base”, Éditions Ouvrières, 1980.

UMBELINO, Valmor João. Sócio-economia solidária e educação popular: contradições perspectivas. Dissertação. (Mestrado em Educação) – Centro de Ciência da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000.

WESTBROOK, R. Action research: a new paradigm for research in production and operations management. International Journal of Operations & Production Management, v. 15, n. 12, p. 6-20, 1995.  
<http://dx.doi.org/10.1108/01443579510104466>

WOODSIDE, A. G.; WILSON, E. J. Case studies research methods for theory building. *Journal of Business and Industrial Marketing*, v. 18, n. 6/7, p. 493-508, 2003. <http://dx.doi.org/10.1108/08858620310492374>

YIN, R. Estudo de caso: planejamento e métodos. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.



## **APÊNDICE**



## Apêndice

### Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Eu, Alan Ricardo Silva dos Santos – matrícula 12/0179032, acadêmico do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília – UnB, venho por meio deste, informar-lhe a realização do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “Economia Solidária e Educação Popular: Um diálogo necessário na Cooperativa Sonho de Liberdade”, sob orientação da Professora Dra. Sônia Marise Salles Carvalho.

Este Trabalho tem como objetivo a aplicação dos conceitos estudados no projeto IV sobre a Economia Solidária e Educação Popular de maneira a assistir, analisar e fomentar práticas de desenvolvimento na cooperativa Sonho de Liberdade. A fim de que essa pesquisa seja desenvolvida, necessito a concessão para realizar a observação e entrevistas informais durante o período de visitas a comunidade durante o segundo semestre de 2014.

Informo que a atividade será desenvolvida considerando os princípios éticos da pesquisa científica conforme resolução Nº 12/2009 do PPGE/FE/UnB que dispõe sobre a Ética na Pesquisa em Educação. Os resultados e conclusões obtidas na pesquisa, além de serem publicados na monografia de conclusão de graduação, poderão ser apresentados em forma de artigo ou de resumo em Congressos, Seminários ou publicados em diferentes meios.

Por fim, eu \_\_\_\_\_, ciente do que me foi exposto, concordo com os procedimentos que serão realizados participarei da pesquisa, bem como autorizo que sejam feitas observações e entrevistas para a coleta de dados, permitindo a minha identificação.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2014.

\_\_\_\_\_  
Assinatura

\_\_\_\_\_  
Acadêmico do Curso de Pedagogia

## **ANEXO**

## Anexo

### **Relatório Sonho de Liberdade – Diário de bordo**

Este relatório compõe todos os diários de bordo das visitas realizadas na Cooperativa Sonho de Liberdade. Os encontros foram realizados as sexta-feira e aos sábados das 09h30min á 12h00min.

#### Diário de bordo -2 de setembro

Hoje, dia 2 de Setembro de 2014, por volta das 08h30min, estavam presentes a Professora Sônia Marise, duas representantes do CDP (incubadora), dois alunos Alan e Gideon, do curso da Pedagogia; saímos da UnB, para o primeiro encontro previamente agendado com o Presidente da Cooperativa “Sonho de Liberdade”, Sr. Fernando Figueiredo. Ao chegarmos à Sede que se localiza na Chácara Santa Luzia, nº 25 - Cidade Estrutural - fomos recepcionados pelos representantes da cooperativa Srs. Fernando e Cesar.

Como uma espécie de cartão de visita, nos mostraram um pouco da área da cooperativa, em seguida nos reunimos na lanchonete existente no local para acertarmos como seria nossa atuação dentro da cooperativa. Visando nortear o grupo de estudantes da UnB, alunos do Projeto 3, em sua atuação

Como primeira deliberação ficou acertado os dias e horários para nossos encontros que seriam: Quarta-feira pela manhã e Sexta-feira pela tarde.

Neste encontro foi definido também que os alunos do Projeto sobre a coordenação da Professora Sônia Marise, atuariam na alfabetização dos cooperados e pessoas da comunidade, bem como na contabilidade da cooperativa.

Permanecemos na cooperativa até às 11h30min min, em seguida retornamos para a Faculdade de Educação.

#### Diário de bordo - 19 de Setembro

Nesta sexta feira, dia 19, foi discutido o planejamento de ações do projeto. Como o Sr Fernando de Figueiredo, responsável pelo local, não estava lá e não tinha o aval dele para a desocupação de uma sala que usaríamos como sala de aula/ convivência, não foi possível realizar a limpeza e retirada de entulho do local.

A cooperativa é bastante organizada e até tem uma pessoa da UnB já em parceria com eles para ajudá-los na divulgação, cedendo o espaço da asa sul para que eles pudessem ter uma loja.

A princípio houve em dúvida sobre como poderíamos ajudá-los, eles possuem know how, estrutura e boa administração, no entanto reclamam que não estão vendendo muito, a idéia foi ajudar eles na divulgação dos produtos, inclusive nas mídias digitais.

Um trabalhador da cooperativa comentou que eles desejavam alguma parceria com o governo, não sei bem ao certo pra quê, mas não visualizo muito o sentimento de cooperativa no lugar. Discutimos também sobre a possibilidade de restauração da lanchonete, melhoria da nutrição, construção de uma horta, melhoria de um refeitório. Sabemos que é muito ambicioso de nossa parte, mas aquele pessoal merece qualidade de vida e dignidade.

Como ainda está incerto sobre o que faríamos com a população local, decidimos começar com refeitório e revitalização de uma sala de convivência.

Diário de bordo – 26 de setembro

Saímos da UnB, 08h45min em direção a Cidade Estrutural utilizando com transporte a Kombi da UnB, lá chegando às 09h25min se dirigindo inicialmente para lanchonete da cooperativa.

Na lanchonete encontramos a Srta. Rafaela, presidente da cooperativa, que também é responsável pela mesma. O que favoreceu discorrer sobre a organização e o funcionamento do recinto. Tratou-se sobre melhorias, na arrecadação e do caixa, nos comprometendo no próximo encontro, trazer mais sugestões.

O Senhor Cristiano apareceu logo após, e nos acompanhou até o galpão, este espaço conta com aproximadamente 20m<sup>2</sup> e um banheiro utilizado pela cooperativa que necessita revitalização, uma vez já com a permissão dos responsáveis da cooperativa começamos a movimentar alguns entulhos.

Dentro do galpão encontramos um pequeno espaço que poderá nos atender como sala de aula para o projeto, haja vista que idealizamos inicialmente ocupar todo galpão. Mas, com o retardo da remoção do material lá existente, nos tomando algum tempo, decidimos dar inicio desta forma ampliando de acordo com o avanço e aceitação pela comunidade.

O local estava tomado de entulhos, ferramentas, pedaços de peças, ferragens, sem contar a grande quantidade de poeira, o que atrapalhava muito e o receio quanto a ratos e insetos, nos foram cedidas mascaras pela cooperativa. Foi retirado do pequeno espaço todo o entulho, ficando acertado do pessoal retornar no dia seguinte terminar a limpeza e realizar a lavagem do local.

Com o espaço livre, foi possível idealizar a sala e as mudanças necessárias para que se possa atender a cooperativa e os alunos educadores.

Saímos da cooperativa Sonho de Liberdade às 11h15min, com destino a Faculdade de Educação.

#### Diário de bordo – 03 de outubro

Nesse dia não obtivemos transporte, fomos de carro particular e chegamos na cooperativa por volta das 9h:30min

Ao chegar na cooperativa um grupo ficou responsável por ficar com as crianças que ali estavam (em torno de 9 crianças) e os outros foram pintar a sala que seria destinada à alfabetização.

Terminamos de pintar e limpar a sala e saímos da cooperativa por volta das 13h30min

#### Diário de bordo – 11 de outubro

No sábado, dia 11 de outubro de 2014, foi comemorado o dia das crianças na comunidade Estrutural. Outras pessoas, de cunho assistencialista e também da UnB, participaram da celebração, levando brinquedos para doar, cachorro quente e umas brincadeiras com balões d'água.

Nossa turma, por outro lado preparou pipoca, bolos deliciosos de chocolate, refrigerantes e kits educativos para serem distribuídos às crianças, nesses kits estavam contidos escovas de dente e outros utensílios para uso escolar.

A tarde foi bastante agradável, junto com o outro grupo e com as crianças (que foram muitas por sinal) conseguimos fazer muitas brincadeiras, como: twister, brincadeira da cadeira, desenhos, um joguinho de cara-cara.

Infelizmente ainda verificamos na comunidade um assistencialismo latente, mesmo ganhando os kits, preparados com tanto carinho, as crianças perguntavam se haveriam outros presentes ou pegavam presentes do coleguinha.

A palavra "obrigada" não foi nos dita por quase ninguém, parece que a área já aloca muitos projetos assistencialistas, o que nos fez refletir qual seria o nosso papel na comunidade nos próximos semestres, queremos ensinar algo que possam levar para a vida, como consciência ecológica e respeito ao próximo por exemplo.

O que notei é que mesmo quando nós estávamos limpando as crianças continuavam jogando lixo no chão, nem pedindo com muito esforço conseguimos deter essa atitude, a atitude somente cessou quando ameaçamos não dar os brinquedos. Não ensinar pequenas esponjas a absorverem coisas boas, como as acima citadas, é um grande erro na formação do ser humano.

#### Diário de bordo – 24 de outubro

O transporte chegou atrasado, por volta das nove e meia. Ao chegarmos lá nos deparamos com o galpão trancado, a comunidade estava recebendo algumas pessoas, por isso não tivemos muito que fazer. Conversamos com a Rafaela (filha do presidente da cooperativa e dona da lanchonete) sobre a lanchonete, ela é muito organizada na forma de administrar, mas ainda não registrou a lanchonete. Orientamos sobre as formas possíveis, quais as melhores alternativas para uma menor tributação e conversamos um pouco sobre a contabilidade da cooperativa. Saímos de lá às onze da manhã.

#### Diário de bordo – 07 de novembro

Nesse dia a UnB cedeu o transporte e o grupo chegou à cooperativa por volta das 8h: 30min.

Ao chegar à cooperativa encontramos com a Rafaela e falamos com ela novamente a respeito da legalização da lanchonete. Ela se mostrou consciente de fato sobre esse assunto que já tinha sido discutido anteriormente, e disse que iria fazer. Entretanto nesse dia ela ainda não tinha dados relevantes sobre o faturamento total, número de funcionários fixos, etc. Sem esses dados não foi possível pensar em alguma forma de planejamento para a empresa. Prontificamos a ajudá-la nesse caso, mas ela disse que o contador da própria cooperativa também auxiliaria nessa situação.

Foi explicado a ela que para abrir determinado tipo de empresa MEI (microempreendedor individual) existia um processo mais facilitado que poderia ser feito pela internet, não sendo necessária a presença de um contador registrado.

Nesse modelo de empresa ela poderia ter até dois funcionários registrados recebendo um salário mínimo ou o piso da categoria. Esse tipo de empresa tem impostos reduzidos e facilidade na forma de pagamento.

Entretanto para abrir esse tipo de empresa o faturamento total anual tem que ser igual ou inferior a 60.000 por ano, e se a empresa dela estivesse com faturamento superior a isso era melhor optar por outro tipo de empresa (no caso a microempresa), sendo necessária a presença de um contador registrado para resolver todos os trâmites da lei para a lanchonete começar a funcionar.

Conversei com ela também sobre a importância de legalizar a situação dos funcionários que trabalham lá, colocar a Irmã (funcionária) como sócia e distribuir os lucros.

Obs.: Quando chegamos à cooperativa encontramos a porta da sala que estávamos usando trancada com cadeado.

Diário de Bordo -22 de novembro

Algumas visitas no mês de novembro como no dia 22, tal como durante todo o semestre, deixaram de ser realizadas em função da inviabilidade do transporte.

Diário de bordo – 29 de novembro

Retornamos em 29/11 em condução particular, mas não achamos que nos recebesse por parte da cooperativa.

O grupo conversou com o Sr Dirceu mantenedor de uma horta e criador de aves e suínos e membro da cooperativa, trocando dicas e sugestões, sobre o fato de estar usando adubo animal das plantas e as plantas apresentarem um tipo de fungo desconhecido nas folhas, prometemos retornar para ajudá-lo com a horta, se possível no semestre seguinte, pois as atividades já estavam se encerrando.